

Uma nova versão para os sonhos

André Carone¹

A publicação de *A interpretação dos sonhos* no mês de novembro de 1899 representa a chegada de um futuro para Freud e a psicanálise. O livro que apresenta um método clínico de investigação, uma teoria da interpretação e um modelo do funcionamento da psique humana torna-se o ponto de partida da nova disciplina e o ponto de retorno que a psicanálise resgata a cada uma das suas novas transformações. As lacunas da memória, a experiência do passado e o mundo originário da infância são o cerne de um livro comprometido com o seu próprio futuro. Sua abertura antecipa com clareza que o caminho do sonho é cruzado por “problemas da psicopatologia que não puderam ser abordados, aos quais serão destinadas novas elaborações se houver o tempo e a energia necessárias e se um novo material vier a se apresentar”², como se a travessia pelo sonho se impusesse como a condição para uma nova compreensão de todos estes problemas; na outra extremidade do livro, as frases de encerramento falam igualmente do futuro, ou mais precisamente da relação entre o sonho e a predição do futuro³.

Sob essa perspectiva, é natural que nos anos que se seguiram à primeira edição de *A interpretação dos sonhos* o novo exame da psicopatologia e dos acontecimentos aparentemente banais da psicologia normal, e mais adiante das artes, da literatura, dos mitos e do folclore⁴ fosse acompanhado por uma constante retomada da teoria dos sonhos. O breve tratado que o leitor tem em mãos é a primeira visita que Freud faz ao seu grande livro. Não se trata nem de um resumo e nem de uma compilação, mas sim de uma nova exposição da teoria dos sonhos que possui uma estrutura própria e nos oferece a primeira oportunidade de separar a teoria freudiana do sonho da leitura vertiginosa e obscura da “Interpretação”, da persistente autoanálise do

1 Tradutor e Professor do Departamento de Filosofia da Unifesp.

2 FREUD, S. *Gesammelte Werke*, vol. II/III. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, p. viii (indicada a seguir pela sigla GW, seguida pelo número do volume e da página).

3 Poucos dias depois da publicação de *A interpretação dos sonhos*, Freud redige um breve manuscrito, publicado somente após a sua morte, com o título “Uma premonição onírica que se realizou” (“*Eine erfüllte Traumahnung*”). Em “Sobre o sonho” ele de fato resgata pela primeira vez as teses do seu grande livro, mas o primeiro texto em que Freud retoma o trabalho da “Interpretação” é este manuscrito.

4 O prefácio à terceira edição de *A interpretação dos sonhos* assinala explicitamente a conexão entre os sonhos e as produções da arte e da cultura. (GW, II/III, p. xi).

autor, de suas cadeias de metáforas e analogias, dos saltos na escuridão e ofuscamentos diante das descobertas que reproduzem no seu conjunto a obscuridade do próprio inconsciente.

Freud recebe em janeiro de 1900⁵ o convite de Hans Georg Kurella e Leopold Löwenfeld⁶ para escrever um dos cadernos da série “Questões relacionadas à vida nervosa e à vida anímica” (“*Grenzfragen des Nerven- und Seelenlebens*”), mas é somente no mês de outubro que ele começa, “sem uma verdadeira satisfação”⁷, a preparar sua encomenda. *Sobre o sonho* passa a pertencer à coleção em 1901 e será reeditado dez anos depois com o acréscimo de uma nova seção dedicada ao simbolismo.

A redação deste tratado exige a concisão, o que parece evidente. Mas a brevidade não faz dele uma obra de divulgação para o grande público, a exemplo de outras que Freud ainda viria a escrever. O ritmo e a composição de “Sobre o sonho” diferem de *A interpretação dos sonhos* pelo distanciamento do autor que trata de questões intrincadas em termos precisos e quase lacônicos. Algumas das características elementares da prosa científica de Freud quase se apagam aqui, como a sua participação direta nos temas explorados e a descrição do processo de suas descobertas, que conferem aos seus textos uma riqueza dramática muito semelhante ao trabalho de uma análise (o leitor de Freud costuma encontrar a psicanálise em ato quando abre os seus livros). Mas o cenário deste trabalho é um pouco diferente.

Apesar disso a ordem das matérias abordadas em *A interpretação dos sonhos* é muito semelhante ao desenvolvimento de “Sobre o sonho”: suas treze seções, algumas muito breves, apresentam a concepção do sonho na antiguidade e a concepção científica; um sonho-modelo do próprio Freud (o sonho da “sala de refeições” – *table d’hôte* no texto original), a partir do qual serão descritos o método da livre associação e a interferência da crítica consciente no trabalho de associação; a distinção entre conteúdo manifesto e conteúdo latente do sonho; a tese que equipara o sonho a uma realização de desejo, explicada a partir de sonhos infantis e dos sonhos de comodidade dos adultos (que envolvem estímulos internos como a sede ou a vontade de urinar, por exemplo); os mecanismos do trabalho do sonho – condensação, deslocamento, consideração relacionada à figuração e elaboração

5 FREUD, S. *Briefe an Wilhelm Fließ*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1985, p. 437 (Carta de 1º de fevereiro de 1900).

6 Leopold Löwenfeld, médico residente em Munique, publicou em 1895 um artigo sobre a concepção freudiana da neurose de angústia que recebeu em seguida uma resposta de Freud: “Sobre a crítica à ‘neurose de angústia’” (GW, I, 357-376). Os dois médicos mantiveram um contato relativamente amistoso por vários anos.

7 “ohne rechten Genuß”. FREUD, S. *Briefe an Wilhelm Fließ*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1985, p. 469 (Carta de 14 de outubro de 1900).

secundária; esboço de um modelo do aparelho anímico e um comentário final sobre o simbolismo no sonho.

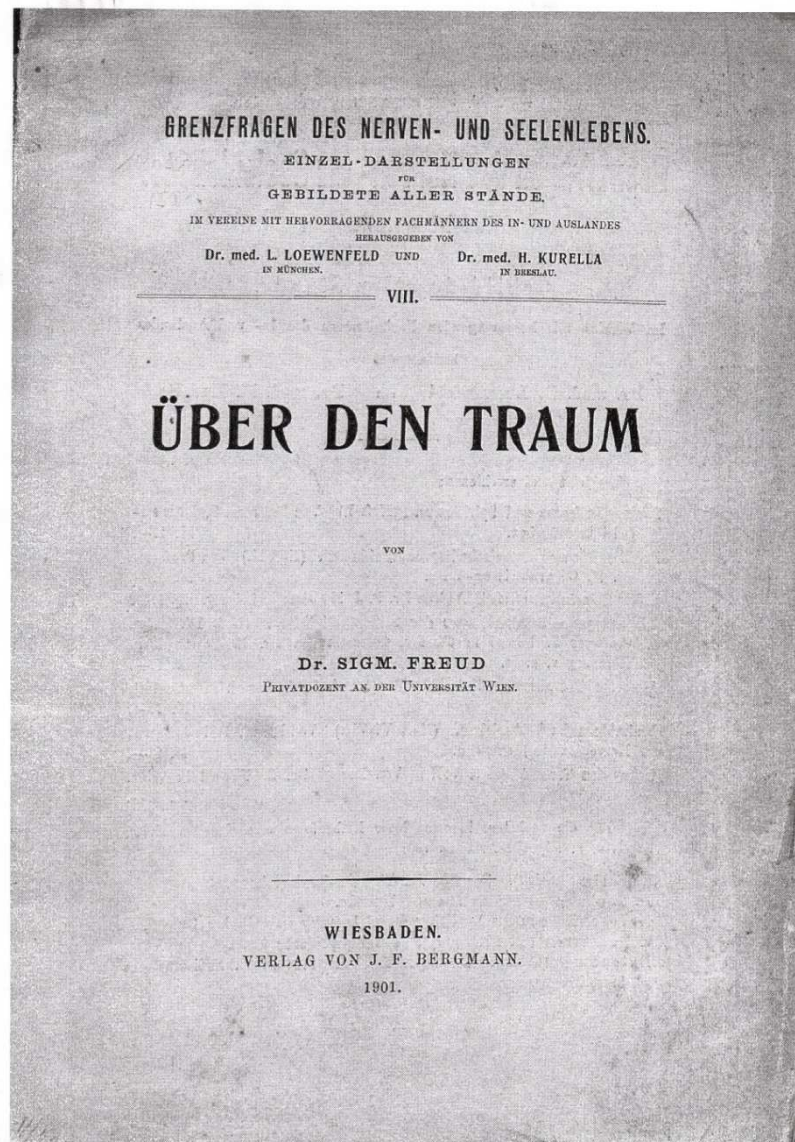


Figura 1 - Fac-símile da página de rosto do livro *Über den Traum*.

Esse percurso não se afasta em demasia da estrutura de *A interpretação dos sonhos* nem mesmo pelo acréscimo tardio de um esclarecimento a respeito dos símbolos do sonho⁸. Mas entre os dois existem ao menos duas diferenças importantes: enquanto na “Interpretação” a censura e a deformação do sonho eram logo apresentadas como a contrapartida da realização de desejo (no quarto capítulo

8 A seção E do sexto capítulo de *A interpretação dos sonhos* (“A figuração por símbolos no sonho”) não constava na primeira edição e foi acrescentada ao livro somente na quarta edição, publicada em 1914.

do livro, “A deformação do sonho”), em “Sobre o sonho” estes conceitos serão discutidos abertamente apenas nas seções VIII e X. Apesar das referências iniciais à crítica exercida pela consciência e às incongruências do conteúdo manifesto, este tratado na verdade estabelece uma ligação direta entre a realização de desejo e o trabalho do sonho, que representa o elemento central da exposição. Em “Sobre o sonho” Freud se interessa mais pela formação da linguagem onírica do que pelo caráter inconsciente dos conteúdos do sonho. A forma e a composição do sonho – esta é a segunda diferença – recebem mais atenção do que os conteúdos inconscientes revelados pelo trabalho de interpretação e deixam em segundo plano os temas da sexualidade e da infância, o que talvez possa explicar por que não encontramos uma única passagem que aborde a situação edípica, a angústia de castração ou as cenas originárias, que comparecem sobretudo na análise que Freud realiza dos seus próprios sonhos na “Interpretação”.

Se as limitações de um trabalho tão breve tornam-se evidentes em uma comparação com *A interpretação dos sonhos*, existem por outro lado algumas compensações para o leitor: aqui o sonho já pertence desde o princípio à psicanálise e não há mais o longo combate às concepções científicas que rebaixam ou ignoram o valor do sonho como um fenômeno psíquico⁹. A conexão entre o sonho e as formações psicopatológicas (histeria, fobia, neurose de angústia e neurose obsessiva) aparece mais como uma referência histórica do que como um princípio que legitima a investigação do sonho. Não falta, é verdade, a advertência de que o trabalho do sonho “é apenas o primeiro de uma longa série de processos psíquicos [...] aos quais devemos atribuir o surgimento dos sintomas histéricos, das ideias angustiantes, obsessivas e delirantes”¹⁰. Mas as fronteiras da exposição ficam melhor demarcadas aqui do que na “Interpretação”, que muitas vezes cede o primeiro plano a outras questões importantes da psicologia que elucidam o sonho ou podem, inversamente, ser elucidadas por ele. Neste trabalho, apesar de sua brevidade, o sonho ocupa a posição central do início ao fim.

Os debates sobre a tradução das obras de Freud estabeleceram uma oposição abrangente entre as traduções *literárias*, que privilegiam a composição e os modos de expressão do texto original, e as traduções *conceituais*, que concedem maior importância à terminologia e à correspondência fixa entre os vocabulários teóricos na língua alemã e na língua para qual o texto é traduzido. A presente tradução pode ser elencada sem qualquer hesitação entre as traduções literárias, mas não em nome

9 Freud reserva o longo primeiro capítulo de *A interpretação dos sonhos* (“A literatura científica a respeito dos problemas do sonho”) exclusivamente a este tema.

10 GW, II, p. 684.

de um suposto rebaixamento do pensamento conceitual. A análise dos sonhos mostra que a transparência das palavras costuma ser falsa e que é melhor suspeitar das aparências do que acreditar que “os elementos mais nítidos parecem ser os mais importantes”¹¹: essa advertência que se aplica ao entendimento linear do conteúdo manifesto do sonho também pode ser dirigida à leitura ingênua do vocabulário de Freud que prefere situar a teoria acima dos equívocos, deslizes e incompreensões da linguagem comum.

As notas à tradução não pretendem oferecer uma explicação sistemática para as questões relacionadas ao vocabulário freudiano e consistem somente em esclarecimentos pontuais que tangenciam um debate que, finalmente, criou raízes entre autoras e autores brasileiros depois de longos anos. Aos leitores e leitoras que desejam informar-se melhor ou aprofundar seu conhecimento sobre a tradução de Freud para o português resta-me apenas recomendar as contribuições decisivas de Pedro Heliodoro Tavares, Paulo César de Souza e Marilene Carone indicadas na Bibliografia.

11 GW, II, p. 667.

I.

In Zeiten, die wir vorwissenschaftliche nennen dürfen, waren die Menschen um die Erklärung des Traumes nicht verlegen. Wenn sie ihn nach dem Erwachen erinnerten, galt er ihnen als eine entweder gnädige oder feindselige Kundgebung höherer, dämonischer und göttlicher, Mächte. Mit dem Aufblühen naturwissenschaftlicher Denkweisen hat sich all diese sinnreiche Mythologie in Psychologie umgesetzt, und heute bezweifelt nur mehr eine geringe Minderzahl unter den Gebildeten, dass der Traum die eigene psychische Leistung des Träumers ist.

Seit der Verwerfung der mythologischen Hypothese ist der Traum aber erklärungsbedürftig geworden. Die Bedingungen seiner Entstehung, seine Beziehung zum Seelenleben des Wachens, seine Abhängigkeit von Reizen, die sich während des Schlafzustandes zur Wahrnehmung drängen, die vielen dem wachen Denken anstößigen Eigentümlichkeiten seines Inhaltes, die Inkongruenz zwischen seinen Vorstellungsbildern und den an sie geknüpften Affekten, endlich die Flüchtigkeit des Traumes, die Art, wie das wache Denken ihn als fremdartig bei Seite schiebt, in der Erinnerung verstümmelt oder auslöscht: — all diese und noch andere Probleme verlangen seit vielen hundert Jahren nach Lösungen, die bis heute nicht befriedigend gegeben werden konnten. Im Vordergrund des Interesses steht aber die Frage nach der Bedeutung des Traumes, die einen zweifachen Sinn in sich schliesst. Sie fragt erstens nach der psychischen Bedeutung des Träumens, nach der Stellung des Traumes zu anderen seelischen Vorgängen und nach einer etwaigen biologischen Funktion desselben, und zweitens möchte sie wissen, ob der Traum deutbar ist, ob der einzelne Trauminhalt einen „Sinn“ hat, wie wir ihn in anderen psychischen Kompositionen zu finden gewöhnt sind.

Drei Richtungen machen sich in der Würdigung des Traumes bemerkbar. Die eine derselben, die gleichsam den Nachklang der alten Ueberschätzung des Traumes bewahrt hat, findet ihren Ausdruck bei manchen Philosophen. Ihnen gilt als die Grundlage des Traumlebens ein besonderer Zustand der Seelenthätigkeit, den sie sogar als eine Erhebung zu einer höheren Stufe feiern. So urtheilt z. B. Schubert:

Sobre o sonho (1901)¹

Sigmund Freud

Tradução de André Carone

I

Nos tempos que podemos chamar de pré-científicos a explicação do sonho não trazia dificuldades para os homens. Quando o recordavam depois de despertar eles reconheciam no sonho uma manifestação favorável ou adversa de forças superiores, demoníacas ou divinas. Com o florescer das formas de pensamento das ciências naturais toda esta rica mitologia transformou-se em psicologia e hoje somente uma minoria restrita entre as pessoas instruídas continua a duvidar que os sonhos sejam a *produção psíquica*² do próprio sonhador.

Mas após a rejeição da hipótese mitológica o sonho passou a demandar uma explicação. As condições para o seu surgimento, sua ligação com a vida anímica da vigília, sua dependência em relação a estímulos que tentam alcançar a percepção durante o estado de sono, as várias particularidades do seu conteúdo que afrontam o pensamento de vigília, a incongruência entre as imagens representadas e os afetos que estão vinculados a elas, e por fim a fugacidade do sonho, a maneira como o pensamento de vigília o afasta como uma coisa estranha e mutila ou apaga a sua lembrança: – estes e outros tantos problemas demandam há vários séculos por soluções que até hoje não foram oferecidas de modo satisfatório. Mas no primeiro plano de interesse está a questão do *significado* do sonho, que contém um sentido duplo. Ela pergunta em primeiro lugar pelo significado psíquico do sonhar, pela posição do sonho em relação a outros acontecimentos psíquicos e por uma eventual função biológica sua; em segundo lugar, ela quer saber se é possível *interpretar* o sonho, se o conteúdo singular do sonho possui um “*sentido*” como aquele que temos o costume de encontrar em outras composições psíquicas.

Três orientações se fazem notar quanto à apreciação do sonho. Uma delas, que parece guardar os ecos da antiga sobrevalorização do sonho, encontrou a sua expressão em certos filósofos. Para eles o fundamento da vida onírica é um estado particular da atividade anímica, que eles chegam mesmo a celebrar como uma elevação a um patamar superior. Este é, por exemplo, o juízo de *Schubert*: o sonho é uma libertação do espírito diante da violência da natureza exterior, o rompimento dos grilhões da sensibilidade pela alma. Outros pensadores não chegam tão longe mas sustentam que o sonho emana de estímulos psíquicos e representa

essencialmente a exteriorização de forças psíquicas que são impedidas de se desenvolver livremente (a fantasia onírica – *Scherner, Volkelt*). Um grande número de observadores concede à vida onírica uma capacidade de desempenho elevado ao menos em áreas determinadas (memória).

A maior parte dos autores da medicina defende, numa clara oposição, uma concepção que mal concede ao sonho o valor de um fenômeno psíquico. De acordo com eles o sonho é provocado exclusivamente por estímulos sensíveis e corporais que atingem a pessoa que dorme a partir do exterior ou eventualmente agitam-se nos seus órgãos internos. O produto do sonho não pode aspirar ao sentido e ao significado mais do que a sequência de sons provocada pelos dez dedos de uma pessoa sem instrução musical percorrendo as teclas de um instrumento. É necessário designar o sonho simplesmente como “um processo corporal, inútil em todos os casos e patológico em muitos deles” (*Binz*). Todas as particularidades da vida onírica são explicadas pelo trabalho desconexo, imposto por estímulos fisiológicos, dos órgãos ou agrupamentos celulares de um encéfalo que está mergulhado no sono.

Sem sofrer tanto a influência do juízo científico e sem preocupar-se com a fonte dos sonhos, a opinião popular parece sustentar a crença de que o sonho realmente possui um sentido ligado à predição do futuro, o qual poderia ser extraído por algum procedimento de interpretação a partir do seu conteúdo muitas vezes enigmático e confuso. Os métodos de interpretação utilizados consistem ou em substituir cada uma das peças do conteúdo recordado do sonho por um outro conteúdo, *de acordo com uma chave fixa*, ou em substituir a totalidade do sonho por uma outra totalidade com a qual ele mantém a relação de um *símbolo*. Os homens sérios escarnecem estes esforços. “O sonho é uma quimera”³.

II

Certo dia descobri para minha grande surpresa que não é a concepção médica do sonho, e sim a concepção leiga, enredada ainda na superstição, que mais se aproxima da verdade. Pois eu realizei novas descobertas sobre o sonho ao aplicar a ele um novo método de investigação psicológica que me havia prestado extraordinários serviços na solução de fobias, ideias obsessivas, ideias delirantes e outras, e que foi acolhido a partir dali por toda uma escola de pesquisadores sob o nome de “psicanálise”⁴. As múltiplas analogias entre a vida onírica e as mais diferentes condições de adoecimento psíquico na vigília foram assinaladas com acerto por um grande número de pesquisadores médicos. Por isso, parecia promissor valer-se de um procedimento de investigação que trazia bons resultados com as formações psicopatológicas⁵. As ideias angustiantes e obsessivas apresentam-se para a consciência normal de um modo tão estranho quanto o sonho diante da consciência

desperta; sua origem é tão desconhecida para a consciência quanto a origem dos sonhos. No caso destas formações psicopatológicas, um interesse prático foi o motivo para fundamentar sua origem e o modo como surgem, pois a experiência havia indicado que esta descoberta dos percursos de pensamento velados para a consciência, nos quais as ideias patológicas se conectam ao conteúdo psíquico restante, equipara-se à solução destes sintomas e tem como consequência o domínio sobre as ideias que antes não podiam ser inibidas. É da psicoterapia, portanto, que deriva o procedimento do qual me servi para a resolução dos sonhos.

Descrever este procedimento é algo simples, embora a sua execução possa requerer orientação e treinamento. Quando sua aplicação está direcionada a um outro – a um paciente que tem uma ideia angustiante⁶, por exemplo – recomenda-se a ele que volte sua atenção para a ideia em questão, mas sem refletir a seu respeito, como ele já fez tantas vezes, e sim para tornar tudo claro para si mesmo *sem exceções* e comunicar ao médico *o que lhe ocorre a respeito dela*⁷. Um argumento que certas vezes se apresenta, por exemplo, de que a atenção não consegue capturar nada, é afastado com a vigorosa garantia de que uma ausência do conteúdo de representações é inteiramente impossível. Na realidade, logo se produzem numerosas associações, às quais ligam-se outras, e que no entanto vêm precedidas pelo juízo de quem observa a si próprio: elas são insensatas ou irrelevantes, não cabem ali, só lhe ocorreram por acaso e não têm relação com o tema proposto. Logo se percebe que foi precisamente esta crítica que excluiu todas as associações da comunicação e mesmo do acesso à consciência. Se for possível induzir essa pessoa a renunciar à crítica de suas associações e continuar a tecer as séries de pensamentos, conquista-se assim um material psíquico que logo se vincula com nitidez à ideia patológica que foi escolhida como tema, que põe à mostra as suas ligações com outras ideias e, ao avançar mais, permite a substituição da ideia patológica por uma nova ideia que se ajusta de uma maneira compreensível ao contexto anímico.

Este não é o lugar para abordar as premissas que formam a base deste experimento e as consequências derivadas do seu êxito frequente. Será o bastante afirmar que para cada ideia patológica nós adquirimos o material necessário para a solução quando voltamos nossa atenção precisamente para as associações “*involuntárias*”, aquelas que “*perturbam a nossa reflexão*”, que em outras situações são removidas pela crítica como um entulho sem qualquer valor. Quem aplica a si próprio o procedimento encontra o melhor apoio para a investigação se anotar imediatamente suas associações, de início incompreensíveis.

Quero indicar agora a quais caminhos ele leva quando aplico este método de investigação ao sonho. Todos os sonhos deveriam servir igualmente neste caso; mas, por razões específicas, escolho um sonho meu, que me parece obscuro e sem sentido,

e que pode ser recomendado por sua brevidade. Talvez o sonho da noite anterior seja aquele que atende a esses requisitos. Seu conteúdo, fixado logo ao despertar, consta como segue:

Uma reunião, mesa ou sala de refeições... Come-se espinafre... A senhora E. L. está sentada ao meu lado, vira-se inteiramente para mim e coloca a mão no meu joelho com intimidade. Eu afasto a mão e a rejeito. E ela diz: mas o senhor sempre teve olhos tão belos... Depois eu vejo alguma coisa sem nitidez, como o desenho de dois olhos ou o contorno das lentes de um óculos.

Este é o sonho completo ou ao menos tudo o que recordo dele. Ele me parece obscuro e sem sentido, mas sobretudo estranho. A senhora E. L. é uma pessoa por quem mal cheguei a nutrir alguma amizade e, até onde sei, jamais tive afeição. Há muito tempo que eu não a vejo e não acredito que ela tenha sido mencionada nos últimos dias. Nenhum afeto acompanhou o desenvolvimento do sonho.

Refletir sobre o sonho não faz o meu entendimento aproximar-se dele. Mas irei registrar agora, sem propósito ou crítica, as associações que se apresentam para a minha auto-observação. E logo percebo que é mais proveitoso decompor o sonho nos seus elementos e buscar para cada um destes fragmentos as associações que estão ligadas a eles.

*Reunião, mesa ou sala de refeições*⁸. Isso se liga imediatamente à lembrança do episódio que encerrou a noite passada. Eu havia deixado uma pequena reunião na companhia de um amigo que se ofereceu para chamar um carro e levar-me para casa. “Tenho preferência pelo carro com taxímetro”, ele disse, “é uma ocupação agradável: a gente sempre tem alguma coisa para olhar”. Quando subimos no carro e o condutor acionou o disco que já mostrava os primeiros sessenta centavos, eu levei adiante a brincadeira: “Mal entramos e já devemos sessenta centavos para ele. O carro com taxímetro me faz sempre lembrar da sala de refeições. Eu me sinto avarento e egoísta porque ele me lembra o tempo todo das minhas dívidas. Percebo que elas crescem muito depressa e tenho medo de ficar com o prejuízo, do mesmo modo que não sei escapar da preocupação risível de que estou pegando pouca coisa para mim na sala de refeições e preciso sair no lucro”. Fazendo uma conexão distante com o que se passou, eu cito:

*“Vocês nos trazem para a vida,
Vocês permitem que os pobres façam dívidas”*⁹.

Uma segunda associação à “sala de refeições”: poucas semanas atrás, em uma estação nas montanhas do Tirol, fiquei muito irritado com a minha querida esposa por achar que ela não havia sido discreta o bastante em relação a vizinhos de mesa com os quais eu não desejava manter qualquer espécie de contato. Pedi a ela que se

ocupasse mais comigo do que com pessoas estranhas. É como se aqui eu também ficasse com o prejuízo na sala de refeições. E agora também me chama a atenção o contraste entre as atitudes da minha esposa nesta mesa e da Senhora E. L. no sonho, que “se vira inteiramente para mim”.

Mais ainda: eu percebo agora que os eventos do sonho reproduzem uma breve cena que se passou entre mim e a minha esposa na época em que eu a cortejava em segredo. A carícia por baixo da toalha de mesa era a resposta à carta de um pretendente decidido. Mas no sonho a minha esposa é substituída por uma pessoa estranha, a Senhora E. L.

A Senhora E. L. é a filha de um homem a quem eu devia dinheiro! Não posso deixar de notar que uma conexão insuspeita entre partes do conteúdo do sonho¹⁰ e as minhas associações se revela. Se acompanhamos a cadeia de associações que parte de um elemento do conteúdo do sonho, logo somos remetidos a um de seus outros elementos. Minhas associações a respeito do sonho estabelecem ligações que não são evidentes no próprio sonho.

Se uma pessoa espera que os outros cuidem dos seus interesses sem preocupar-se com o interesse próprio, não temos o costume de perguntar para essa criatura inocente: então você acredita que isso ou aquilo vai acontecer por causa dos seus belos olhos? A fala da Senhora E. L. no sonho não tem, portanto, outro significado senão: o senhor sempre recebeu tudo de graça. Naturalmente o contrário é verdadeiro: paguei caro pelas coisas boas que outros fizeram por mim. Deve realmente ter me impressionado o fato de que não paguei pelo carro no qual o meu amigo me levou ontem para casa.

E no entanto eu estive muitas vezes em dívida com o amigo que nos recebeu ontem como convidados. Recentemente deixei escapar uma oportunidade de compensá-lo. Ele tem um único presente que eu lhe dei, um jarro antigo com olhos pintados ao redor, mais conhecido como *Occhiale* [óculos] para afastar o *Malocchio* [mal olhado]. Ele é, além disso, um oftalmologista. Naquela noite eu havia perguntado a ele por uma paciente que eu encaminhara ao seu consultório por conta de uma receita para os seus *óculos*.

Percebo que praticamente todas as peças do conteúdo do sonho estão inseridas agora no novo contexto. Mas eu ainda poderia perguntar, como consequência disso: por que justamente o espinafre é servido à mesa no sonho? Porque o espinafre lembra uma breve cena que ocorreu recentemente à mesa da nossa família, na qual uma criança – justo a criança cujos belos olhos merecem de fato ser exaltados – se recusava a comer espinafre. Eu me comportava da mesma maneira quando era criança; por muito tempo tive aversão por espinafre, até que meu paladar mudasse mais adiante e elegeesse o legume como uma das minhas refeições favoritas.

A referência a este prato estabelece assim uma aproximação entre a minha juventude e a do meu filho. “Agradeça pelo espinafre que tem”, dissera a mãe ao filho de paladar exigente. “Muitas crianças ficariam contentes por ter o espinafre”. E assim, sou lembrado das obrigações dos pais em relação aos filhos. As palavras de Goethe:

*“Vocês nos trazem para a vida,
Vocês deixam que os pobres façam dívidas”*

revelam um novo sentido neste contexto.

Faço aqui uma pausa para observar o conjunto dos resultados alcançados pela análise do sonho até o momento. Enquanto eu seguia as associações que se ligavam aos elementos isolados do sonho, retirados do seu contexto, fui levado a uma série de pensamentos e lembranças que devo reconhecer como manifestações importantes da minha vida anímica. O material descoberto pela análise do sonho possui uma relação íntima com o conteúdo do sonho, mas trata-se de uma relação na qual eu jamais conseguiria inferir as novas descobertas a partir do conteúdo do sonho. Este era um sonho sem afeto, incoerente e incompreensível; enquanto desdobro os pensamentos que estão por trás do sonho, percebo sentimentos intensos e bem fundamentados de afeto; os próprios pensamentos agrupam-se com perfeição em cadeias de relações lógicas nas quais certas ideias reaparecem como fatores centrais. No nosso exemplo, estas ideias que não possuem uma representação no sonho são as oposições entre *interesse próprio – interesse alheio*, entre os elementos *estar em dívida e receber alguma coisa de graça*. Eu poderia aproximar ainda mais os fios dessa teia que a análise desvenda, e poderia então indicar que eles convergem para um único ponto nodal, mas considerações de natureza privada me impedem de realizar abertamente este trabalho. Depois que esclareci para mim mesmo tudo o que me conduziu a esta solução, eu precisaria revelar muita coisa que seria melhor guardar em segredo. Por que não dei preferência a um outro sonho cuja análise fosse mais apropriada à informação e permitisse, dessa maneira, despertar maior convicção quanto ao seu sentido e à coerência do material que foi descoberto pela análise? A resposta é: porque todos os sonhos com os quais eu quisesse me ocupar conduzem a estas mesmas coisas que são difíceis de informar e me apresentam a mesma exigência da discrição. Eu não escaparia igualmente desta dificuldade se trouxesse para a análise o sonho de uma outra pessoa, a não ser que as circunstâncias permitissem remover todos os disfarces sem que houvesse dano para quem me confiou o sonho.

A concepção que apresenta-se agora para mim afirma que o sonho é uma espécie de *substituto* para estes pensamentos que carregam afetos e sentidos, aos quais cheguei depois de encerrar a análise. Não conheço ainda o processo que fez surgir o sonho a partir destes pensamentos, mas compreendo que é injusto tomá-lo por um

acontecimento que não possui significado psíquico e que nasce da atividade isolada de células cerebrais que despertam durante o sono.

Acrescento duas observações: que o conteúdo do sonho é muito mais curto do que os pensamentos dos quais, segundo avalio, ele é um substituto; e que a análise revelou que um acontecimento banal da noite anterior foi o elemento provocador do sonho.

Naturalmente eu não faria uma inferência com este alcance se contasse apenas com a análise de um único sonho. Mas uma vez que a experiência me mostrou que eu posso, quando acompanho sem crítica as associações de *cada* sonho, chegar a uma cadeia de pensamentos na qual componentes do sonho reaparecem em meio aos seus elementos, e que eles formam entre si ligações que têm correção e sentido, então fica descartada uma eventual expectativa de que as conexões observadas pela primeira vez possam representar um acaso. Por isso, sinto-me autorizado a criar nomes para fixar a nova descoberta. Coloco o sonho tal como ele aparece na minha lembrança em contraposição ao material que pertence às descobertas da análise, e chamo ao primeiro de *conteúdo manifesto do sonho* e ao último – sem uma separação adicional, ao menos por ora – de *conteúdo latente do sonho*. Encontro-me, desse modo, diante de duas questões que não haviam sido formuladas até agora: 1) qual é o processo psíquico que transportou o conteúdo latente do sonho para o conteúdo manifesto, que conheço pela minha memória; 2) qual o motivo ou os motivos que exigiram esta tradução. Darei o nome de *trabalho do sonho* ao processo de metamorfose do conteúdo latente do sonho em conteúdo manifesto. Já conhecia antes a contrapartida deste trabalho, aquele que realiza a transformação oposta, como *trabalho de análise*. Abordarei os outros problemas do sonho – as questões relacionadas aos elementos provocadores do sonho, à proveniência do material do sonho, ao possível sentido do sonho, à função do sonhar e às razões do seu esquecimento – a partir do conteúdo latente que foi recém conquistado, e não do conteúdo manifesto do sonho.

E como atribuo todas as informações contraditórias e incorretas da literatura a respeito da vida onírica ao desconhecimento do conteúdo latente do sonho, revelado somente pela análise, tomarei agora todo o cuidado para não confundir o *sonho manifesto* com os *pensamentos latentes do sonho*.

III

A transformação do pensamento latente no conteúdo manifesto do sonho merece toda a nossa atenção por tratar-se do primeiro exemplo que conhecemos de transposição de um material psíquico de um modo de expressão para outro – de um modo de expressão, perfeitamente compreensível para nós, para um outro cuja compreensão só podemos alcançar com instrução e esforço, embora também se deva

reconhecer nele uma produção da nossa atividade psíquica. Os sonhos podem ser distribuídos em três categorias se considerarmos a relação entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto do sonho. Podemos distinguir, primeiro, aqueles sonhos que possuem sentido e são igualmente compreensíveis, ou seja, que encontram sem dificuldade uma posição na nossa vida anímica. Sonhos como este existem vários: eles são curtos em sua maioria e geralmente chamam pouca atenção porque carecem inteiramente de qualquer coisa que provoque surpresa ou estranhamento. Sua ocorrência é, além de tudo, um forte argumento contra a teoria que deriva o sonho da atividade isolada de agrupamentos de células cerebrais. Nestes sonhos estão ausentes todos os sinais de rebaixamento ou desarticulação da atividade psíquica, e no entanto jamais contestamos o seu caráter onírico e não o confundimos com os produtos da vigília. Formam um segundo grupo aqueles sonhos que são coerentes ao seu modo e possuem um sentido claro, mas causam estranhamento porque não sabemos incorporar este sentido à nossa vida anímica. Temos um caso como este quando, por exemplo, sonhamos que um parente querido morreu por causa da peste mas nos faltam motivos para alguma expectativa, receio ou suposição deste tipo, e nos perguntamos surpresos: de onde eu tirei essa ideia? No terceiro grupo, por fim, estão os sonhos que carecem de ambos, do sentido e da inteligibilidade, e parecem *incoerentes, confusos e sem sentido*. A ampla maioria dos produtos do nosso sonhar apresenta estas características que fundamentaram a depreciação do sonho e a teoria médica da limitação das atividades anímicas. Sobretudo nas composições oníricas mais extensas e complicadas, raramente deixamos de notar os sinais mais evidentes de incoerência.

A oposição entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho claramente só possui importância para os sonhos da segunda, e mais propriamente da terceira categoria. Aqui se encontram os enigmas que desaparecem somente quando se substitui o sonho manifesto pelo conteúdo dos pensamentos latentes, e nossa análise precedente foi realizada a partir de uma amostra deste tipo: um sonho complicado e ininteligível. Apesar disso encontramos, contrariando a nossa expectativa, motivos que impedem nosso conhecimento completo dos pensamentos latentes do sonho, e a repetição desta mesma experiência talvez pudesse abrir caminho para a suposição de que *existe uma conexão íntima e consistente entre o caráter ininteligível e complicado do sonho e as dificuldades para se comunicar os pensamentos do sonho*. Antes de investigar a natureza desta conexão, faremos melhor se voltarmos nosso interesse para os sonhos da primeira categoria, aqueles que podem ser compreendidos com facilidade, nos quais o conteúdo manifesto e o conteúdo latente coincidem e o trabalho do sonho parece ter sido poupado.

O exame destes sonhos também é recomendável a partir de uma outra perspectiva. Os sonhos das crianças pertencem precisamente a este tipo, ou seja, eles

possuem um sentido e não causam estranheza – o que, note-se de passagem, refuta mais uma vez a remissão do sonho à atividade dissociada do cérebro durante o sono: afinal, por que este rebaixamento das funções psíquicas caracterizaria o estado de sono dos adultos e não das crianças? Apesar disso podemos criar a legítima expectativa de que a explicação dos processos psíquicos na criança, onde talvez eles sejam essencialmente mais simples, prove ser uma preparação indispensável para a psicologia dos adultos.

Ofereço então alguns exemplos de sonhos que recolhi de crianças: uma menina de um ano e sete meses irá jejuar por um dia, pois vomitou pela manhã e havia passado mal depois de comer morangos, segundo o relato da babá. Na noite deste dia sem alimentação nós a ouvimos dizer o próprio nome durante o sono e acrescentar em seguida: *mo(r)ango, mo(r)ango silvest(r)e, omelete, pudim*. Ou seja, ela sonha que está comendo e seleciona do cardápio justamente aquilo que, como ela suspeita, só irão lhe servir com moderação. A frustração de um prazer também aparece no sonho de um menino de um ano e dez meses a quem coubera, poucos dias antes, oferecer como presente a um tio uma cestinha de cerejas frescas, das quais ele só poderia provar algumas. Ele acorda trazendo a boa notícia: *He(r)mann comeu todas as cerejas*. – Uma menina de três anos e nove meses fez durante o dia um passeio no lago que não durou tanto quanto ela gostaria, pois chorava no momento em que seria obrigada a descer. Na manhã seguinte ela conta que passeou no lago durante a noite, ou seja, que continuou o passeio interrompido. – Um menino de cinco anos e três meses não parece muito satisfeito durante uma caminhada na região das montanhas de Dachstein; a cada nova montanha que aparece no horizonte ele pergunta se aquele é o Dachstein, e depois se recusa a seguir com os outros até a queda d'água. Seu comportamento foi atribuído ao cansaço mas na manhã seguinte encontrou uma explicação melhor, quando contou seu sonho em que *ele havia subido o Dachstein*. Era evidente que ele esperava que o destino final da excursão fosse subir o Dachstein, e ficou contrariado por não ter visto a montanha que ele tanto aguardava. Ele resgata no sonho aquilo que o dia não havia lhe oferecido.

A mesma coisa se passou no sonho de uma menina de seis anos de idade cujo pai havia interrompido uma excursão por causa da hora avançada, antes que eles alcançassem o destino. Enquanto voltavam ela reparou em uma placa que indicava o destino de uma outra excursão, e o pai prometeu que também a levaria para lá numa próxima vez. Na manhã seguinte ela já aguardava o pai com a notícia: sonhou que *o pai havia ido com ela para um lugar e para o outro*.

O elemento comum a estes sonhos infantis é bastante claro. Todos realizam desejos que são despertados durante o dia e não são realizados. Eles são realizações simples e evidentes de desejo.

Este outro sonho infantil, que à primeira vista não é inteiramente compreensível, também não é outra coisa senão uma realização de desejo. Uma menina que ainda não completou quatro anos foi levada do campo para a cidade e passou a noite na casa de uma tia que não teve filhos, em uma cama grande – enorme para ela, como é natural. Ela conta na manhã seguinte que sonhou que *a cama havia ficado pequena para ela, tão pequena que ela não cabia ali*. Torna-se simples explicar este sonho como um sonho de desejo se lembrarmos que “ser grande” é um desejo que as crianças manifestam com frequência. Para a menininha que quer ser gente grande, as dimensões da cama a faziam lembrar demais do seu tamanho; por isso ela corrigiu no sonho as proporções que não lhe agradavam e ficou tão grande que até a cama enorme passou a ser pequena para ela.

Mesmo quando o conteúdo dos sonhos infantis é mais sutil e intrincado, sua explicação como uma realização de desejo sempre é evidente. Um menino de oito anos sonha que andou com Aquiles em uma carruagem guiada por Diomedes. Sabemos que dias antes ele havia mergulhado na leitura das lendas dos heróis gregos; é fácil constatar que ele escolheu estes heróis como modelo e lamentou por não ter vivido naquela época.

Esta pequena amostragem torna evidente uma segunda característica dos sonhos infantis, a sua conexão com a vida diurna. Os desejos que se realizam ali procedem do dia, geralmente do dia anterior, e são abastecidos por uma intensa tonalidade afetiva. Coisas que não possuem importância ou interesse, ou que não pareçam possuí-las para a criança, não são incorporadas no conteúdo do sonho.

No caso dos adultos também é possível reunir incontáveis exemplos de sonhos do tipo infantil que mesmo assim possuem, como foi dito, um conteúdo pobre. Sendo assim, uma série de pessoas costuma responder a um estímulo noturno de sede com um sonho no qual elas bebem, e que tenta deste modo cessar o estímulo e continuar o sono. Em certas pessoas nós podemos situar com frequência estes sonhos de comodidade logo antes do despertar, quando a obrigação de se levantar está posta diante delas. E então elas sonham que já estão de pé ou encostadas diante da pia, ou que já estão na escola, no escritório etc., onde deveriam chegar em um horário determinado. Não é raro sonhar que se chegou ao destino na noite que antecede uma viagem planejada; antes de uma apresentação de teatro, de um encontro social, não é raro que o sonho antecipe – como se estivesse impaciente – a diversão esperada. Em outras ocasiões o sonho exprime a realização de desejo em termos um pouco mais indiretos; para reconhecer a realização de desejo, é necessário que se forme uma relação, uma consequência, ou seja, um trabalho inicial de interpretação. Um homem me conta, por exemplo, o sonho que teve a sua jovem esposa, no qual ela teve a sua menstruação. Sou obrigado a pensar que a jovem terá uma gravidez pela

frente se a sua menstruação não tiver chegado. Neste caso o sonho comunica o anúncio de uma gravidez, e seu sentido consiste em apresentar como já realizado o desejo de que a gravidez ainda esperasse um pouco antes de chegar. Estes sonhos são muito frequentes sob condições incomuns e extremas. Por exemplo, o líder de uma expedição polar relata que sua equipe costumava sonhar com grandes refeições, como fazem as crianças, e com montanhas de tabaco e com suas próprias casas, enquanto atravessava o inverno no gelo à base de uma dieta monótona e rações escassas¹¹.

Não é raro que nos sonhos extensos, complicados e confusos no seu conjunto sobressaia algum trecho especialmente nítido que contenha a realização incontestável de um desejo mas esteja soldada a um material diferente, incompreensível. Quem tenta igualmente analisar os sonhos de aparência nítida dos adultos descobre com surpresa que eles raramente são simples como os sonhos infantis, e que por trás da realização de desejo eles escondem ainda um outro sentido.

Pois nós certamente teríamos uma solução simples e adequada para os enigmas do sonho se, por exemplo, o trabalho de análise também nos permitisse remeter os sonhos incoerentes e confusos dos adultos ao modelo infantil de satisfação de um desejo diurno que foi experimentado de maneira intensa. As aparências certamente não favorecem essa expectativa. A maioria dos sonhos está repleta de materiais indiferentes e estranhos, e não é possível notar a realização de desejo no seu conteúdo.

Mas antes de nos afastarmos dos sonhos infantis, que são realizações evidentes de desejo, não deixaremos de mencionar uma característica fundamental do sonho que havia sido observada antes. Eu posso substituir cada um destes sonhos por uma sentença optativa¹²: ah, se o passeio no lago demorasse mais; – se eu já estivesse limpo e arrumado; se eu pudesse ficar com as cerejas em vez de entregá-las para o tio; mas o sonho nos oferece mais do que este modo optativo. Ele mostra o desejo como já realizado, figura essa realização como verdadeira e presente, e o material da figuração do sonho¹³ é formado em maior parte – se não exclusivamente – por situações e sobretudo por imagens visuais. Neste grupo também não passa inteiramente despercebida uma espécie de transformação, a qual pode ser designada como trabalho do sonho: *um pensamento que está no modo optativo é substituído por uma percepção no tempo presente.*

IV

Somos levados a supor que esta transposição para uma situação ocorria igualmente nos sonhos confusos, embora não possamos saber se nestes casos ela também se referia a um modo optativo. Duas passagens do sonho que apresentamos

inicialmente como exemplo, em cuja análise avançamos por um trecho, nos permitem presumir algo dessa ordem. A análise mostra minha esposa ocupada com outras pessoas à mesa, o que eu sinto como um incômodo; o sonho traz *exatamente o contrário disso*: a pessoa que substitui minha esposa se volta inteiramente para mim. Mas qual outro desejo serviria melhor para uma experiência desagradável senão o de que acontecesse o contrário, tal como ele aparece no sonho? Há uma relação muito parecida entre o pensamento amargo¹⁴ da análise, segundo a qual eu não recebo nada de graça, e a fala da senhora no sonho: os seus olhos sempre foram tão belos. É possível, portanto, remeter uma parcela das oposições entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho à realização de desejo.

Mais visível ainda é outro resultado do trabalho do sonho, a partir do qual são formados os sonhos incoerentes. Se, partindo de um exemplo qualquer, comparamos o número de elementos representados ou a extensão das anotações do sonho com os pensamentos do sonho, para os quais a análise abre caminho e dos quais reencontramos somente um vestígio no sonho, então não podemos duvidar que o trabalho do sonho realizou aqui um trabalho notável de compressão ou *condensação*. Por enquanto não é possível formar um juízo sobre o alcance desta condensação; mas quanto mais nos aprofundamos na análise do sonho, mais forte é a impressão causada por ela. Ali não encontramos um só elemento do sonho a partir do qual os fios das associações não se repartissem em duas ou mais direções, nenhuma situação que não agrupasse ao menos duas impressões ou experiências. Certa vez, por exemplo, eu sonhei com uma espécie de tanque no qual os banhistas passavam em todas as direções; numa borda estava uma pessoa que se inclinava na direção de uma banhista, como que para ajudá-la a sair da água. A situação era composta pela lembrança de uma experiência da puberdade e por duas imagens, uma das quais eu havia visto logo antes do sonho. As duas imagens eram “A surpresa no banho”, do ciclo “Melusina” de Schwind¹⁵ (ver o percurso dos banhistas), e uma imagem do dilúvio por um mestre italiano. A breve experiência consistia, por sua vez, no fato de que eu pude observar quando o instrutor auxiliou uma senhora que havia permanecido na água até o início do horário masculino. – A situação do exemplo que selecionei para a análise me conduziu durante o trabalho a uma breve sequência de lembranças, das quais cada uma fez a sua contribuição para o conteúdo do sonho. A primeira é a breve cena do período em que eu cortejava minha esposa, sobre a qual falei anteriormente; as mãos que se davam ali debaixo da mesa contribuíram no sonho com o detalhe “debaixo da mesa”, que precisei acrescentar posteriormente à lembrança. “Voltar-se inteiramente para alguém” estava naturalmente fora de questão naquele momento. Sei, por meio da análise, que este elemento é a realização de desejo por oposição, que corresponde à atitude da minha esposa na sala de refeições. Mas por trás desta recordação recente oculta-se uma cena bastante parecida

e muito mais importante da época do noivado, que nos afastou por um dia inteiro. A intimidade da mão pousada sobre o joelho pertence a um contexto muito diverso e pessoas inteiramente diferentes. Este elemento do sonho se torna ele próprio o ponto de partida de duas séries particulares de lembranças etc.

Naturalmente o material dos pensamentos do sonho, que é agrupado para que se forme a situação do sonho, precisa desde o princípio ser adequado a este uso. Para isso ele necessita da presença de um ou mais elementos comuns em todos os componentes. O trabalho do sonho procede, assim, como Franz Galton¹⁶ na montagem de suas fotografias de família. Ele sobrepõe os diferentes componentes, como se estivessem recobertos; o elemento comum sobressai então com nitidez, os detalhes discordantes praticamente apagam uns aos outros. Este processo de montagem também explica em parte os graus variáveis do desbotamento individual de tantos elementos do conteúdo do sonho. Apoiada nesta compreensão, a interpretação dos sonhos enuncia a seguinte regra: se uma indeterminação, mesmo após a análise, permanece repartida em uma alternativa "ou... ou...", é necessário substituí-la, para os fins da interpretação, por um "e", adotando cada membro da aparente alternativa como ponto de partida independente para uma nova série de associações.

Onde não houver um *elemento comum* entre os pensamentos do sonho, o trabalho do sonho *se esforça no sentido de criá-los* para tornar viável a figuração comum no sonho. O caminho mais simples para aproximar dois pensamentos do sonho que ainda não possuem nada em comum consiste na modificação da expressão verbal de um destes pensamentos, enquanto o outro aproxima-se dele, por exemplo, ao adquirir contornos que correspondem com os seus a partir de uma expressão diferente. Este é um processo que se assemelha à invenção de rimas, no qual a semelhança sonora substitui o elemento comum que é buscado. Uma boa parcela do trabalho do sonho consiste na criação destes pensamentos intermediários, muitas vezes espirituosos e com frequência de aparência forçada, que atingem desde a figuração comum do conteúdo do sonho até os pensamentos do sonho que são motivados pelas circunstâncias que o ocasionaram, cuja forma e natureza são distintas. Na análise do nosso exemplo encontro igualmente um destes casos em que um pensamento é reconfigurado com o objetivo de coincidir com outro que difere essencialmente dele. Pois no percurso da análise eu me deparo com este pensamento: *eu também queria receber as coisas de graça pelo menos uma vez*; mas essa forma não pode ser aproveitada pelo conteúdo do sonho. Por isso ela é substituída por uma nova forma: *eu queria desfrutar alguma coisa sem pagar pelos "custos" [Kosten = custos¹⁷]*. Por sua vez, o segundo significado desta palavra [*kosten* = experimentar] ajusta-se ao círculo de ideias da "sala de refeições" e pode ser figurada pelo espinafre que é servido à mesa no sonho. Quando algum prato que as crianças rejeitam é servido em

nossa mesa, a mãe primeiro aproxima-se com gentileza e exige das crianças: *experimentem [kosten] pelo menos um pouquinho*. Talvez pareça singular o fato de que o trabalho do sonho explore de modo constante a ambiguidade das palavras, mas a ampliação da experiência revela que isso é muito comum.

Pelo trabalho de condensação do sonho também são elucidados certos componentes do seu conteúdo que pertencem somente a ele e não se encontram nas representações de vigília. São as *pessoas compostas ou mistas* e as excêntricas *composições mistas*, criações comparáveis aos animais fantásticos da cultura oriental que no entanto petrificaram-se em unidades no nosso pensar, enquanto as composições oníricas sempre continuam a formar novas figuras de riqueza inesgotável. Todos conhecem estas composições de seus próprios sonhos; os modos de produzi-las são os mais diversos. Para compor uma pessoa eu posso emprestar-lhe traços de uma ou de outra, ou dar-lhe os contornos de uma e pensar durante o sonho no nome de uma outra, ou representar visualmente uma pessoa mas transportá-la para uma situação que foi vivida por outra. Em todos estes casos a reunião de pessoas diferentes em um único representante do conteúdo do sonho carrega um sentido: ela deve significar um “e”, um “como se fosse”, uma equiparação, sob uma perspectiva determinada, de pessoas originais que também podem ser mencionadas no sonho. Mas essa concordância entre as pessoas que aparecem dissolvidas geralmente só pode ser encontrada pela análise e está assinalada na imagem da pessoa composta.

A mesma multiplicidade dos modos de composição e a mesma regra da dissolução também se aplicam à vasta riqueza das composições mistas no conteúdo do sonho, da qual certamente não preciso apresentar exemplos. Sua excentricidade desaparece inteiramente se decidirmos não inseri-las em uma mesma série ao lado dos objetos da percepção de vigília e lembrarmos, em oposição a isso, que elas representam um resultado da condensação do sonho e destacam uma característica comum aos objetos destas combinações por meio de uma abreviação exata. O elemento comum também costuma ser estabelecido pela análise neste caso. É como se o conteúdo do sonho anunciasse: *todas essas coisas possuem um X em comum*. A desmontagem destas composições mistas por meio da análise geralmente conduz pelo caminho mais curto ao significado do sonho. – Por exemplo, tive certa vez um sonho no qual eu me sento, junto com um dos meus primeiros professores da universidade, em um banco que está em meio a outros bancos e se move para a frente com rapidez. Isso era uma combinação de auditório e *trottoir roulant*. Não irei reproduzir a sequência destes pensamentos. – Numa ocasião diferente, eu estou sentado em um vagão e trago no colo um objeto que tem o formato cilíndrico¹⁸ de uma cartola mas é feito de um vidro transparente. A situação me faz lembrar imediatamente do ditado: quem leva o chapéu na mão atravessa o país inteiro. O *cilindro de vidro* me leva por pequenos desvios ao gás incandescente de Auer, e logo

percebo que gostaria de realizar uma descoberta que me tornasse tão rico e independente quanto o tornou a descoberta de meu conterrâneo, o *Dr. Auer von Welsbach*¹⁹, e que em seguida eu desejo viajar em vez de permanecer em Viena. No sonho eu saio em viagem com a minha descoberta, o chapéu cilíndrico de vidro, que no entanto ainda não possui uma utilidade. O trabalho do sonho tem uma predileção especial pela figuração de duas ideias opostas em uma mesma composição mista: por exemplo, no caso de uma mulher que vê a si mesma no sonho segurando uma haste comprida, como o anjo nos retratos da anunciação da Virgem Maria (inocência – ela mesma se chama Maria), mas a haste carrega flores brancas e espessas, como as camélias (o oposto da inocência: a dama das camélias).

Uma grande parte daquilo que aprendemos a respeito da condensação no sonho pode ser resumida pela fórmula: cada um dos elementos do sonho está *sobredeterminado* pelo material dos pensamentos do sonho, sua ascendência não remonta a um elemento isolado dos pensamentos do sonho, e sim a toda uma série de elementos que não estão necessariamente próximos e podem, pelo contrário, pertencer aos mais diferentes círculos no tecido dos pensamentos. O elemento do sonho é, no sentido próprio, a *representação no conteúdo do sonho*²⁰ para todo este material disparatado. Da mesma maneira que cada elemento do sonho faz ligações com diversos pensamentos do sonho, também o pensamento do sonho costuma ser representado por mais de um elemento; os fios das associações não convergem diretamente dos pensamentos do sonho para o conteúdo do sonho; pelo contrário, eles se entrecruzam e entretecem de diversas maneiras neste percurso.

A condensação representa, ao lado da transformação de um pensamento em uma situação (a “dramatização”), a característica mais importante e singular do sonho. Mas até este momento não se revelou para nós nenhum motivo que impusesse esta compressão de conteúdos.

V

Nos sonhos complicados e confusos, dos quais nos ocupamos agora, não é possível remeter a impressão de uma dessemelhança entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho somente à condensação e à dramatização²¹. Existem testemunhos que indicam a ação de um terceiro fator e justificam uma compilação cuidadosa.

Ao tomar conhecimento dos pensamentos do sonho por meio da análise, noto sobretudo que o conteúdo manifesto do sonho trabalha com materiais completamente diversos daqueles do conteúdo latente. Trata-se claramente de uma aparência que um exame mais apurado dissipa, pois ao final eu reencontro todo o conteúdo do sonho exposto nos pensamentos do sonho e quase todos os pensamentos

do sonho representados no conteúdo do sonho. Mas alguma coisa desta diferença continua a existir. Aquilo que aparecia no sonho de modo claro e abrangente como a essência do seu conteúdo deve se contentar com uma posição bastante subalterna entre os pensamentos do sonho, e aquele material formado por ideias que demandam a maior atenção possível – segundo dizem os meus sentimentos – ou simplesmente não comparece no sonho ou aparece representado por uma alusão distante numa região incerta do sonho. Posso descrever o fato dessa maneira: *durante o trabalho do sonho a intensidade psíquica é transportada dos pensamentos e ideias aos quais ela pertence por direito para outros que, conforme o meu juízo, não podem reivindicar esta ênfase*. Nenhum outro processo contribui tanto para ocultar o sentido do sonho e tornar irreconhecível para mim a conexão entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho. Durante este processo, ao qual quero dar o nome de *deslocamento do sonho*, observo a intensidade psíquica, a importância ou a capacidade afetiva dos pensamentos ser transposta em uma vivacidade sensorial. Os elementos mais nítidos do sonho me parecem simplesmente ser os mais importantes; é precisamente a partir de um elemento sem nitidez que eu posso muitas vezes reconhecer a sucessão mais direta dos pensamentos essenciais do sonho.

Eu poderia designar igualmente aquilo que havia nomeado “deslocamento do sonho” como a *transvaloração dos valores psíquicos*²². Mas não terei apreciado inteiramente o fenômeno sem acrescentar que este trabalho de deslocamento ou transvaloração participa em graus bastante variáveis de cada sonho. Existem sonhos que ocorrem praticamente sem qualquer deslocamento. São aqueles sonhos a um só tempo coerentes e compreensíveis, como por exemplo os sonhos evidentes de desejo que viemos a conhecer. Em outros sonhos, uma parcela dos pensamentos deixa de possuir o valor psíquico próprio, ou então tudo o que era essencial nos pensamentos do sonho aparece substituído por elementos secundários, em meio aos quais é possível reconhecer a série completa de transições. Quanto mais obscuro e complicado o sonho, maior a participação que pode ser atribuída ao deslocamento na sua formação.

O exemplo escolhido para a nossa análise apresenta um deslocamento que é ao menos suficiente para que seu conteúdo pareça *focalizado* de uma maneira diferente daquela dos pensamentos do sonho. O primeiro plano do conteúdo do sonho está tomado por uma situação na qual tudo se passa como se uma mulher estivesse me seduzindo; nos pensamentos do sonho, o peso maior recai sobre o desejo de desfrutar por uma vez de um amor desinteressado, que “não custe nada”, e esta ideia se esconde por trás do provérbio dos belos olhos e da remota alusão ao “espinafre”.

Ao revertemos o deslocamento do sonho por meio da análise, nós obtemos informações perfeitamente seguras a respeito de problemas muito controversos do sonho: os elementos provocadores do sonho e a conexão entre o sonho e a vida de vigília. Existem sonhos que revelam imediatamente sua ligação com as experiências do dia; em outros não se descobre o menor vestígio desta relação. Com o recurso à análise nós podemos então mostrar que todo sonho, sem exceção possível, está ligado a uma impressão do dia anterior – talvez seja mais correto dizer: do dia que antecede ao sonho (do dia do sonho). A impressão que atua como o elemento provocador do sonho pode ser importante ao ponto de não surpreender que ela nos ocupe durante a vigília, e neste caso nós afirmamos com razão que o sonho é a continuação dos interesses da vida de vigília. Mas se no conteúdo do sonho estiver presente a ligação com uma impressão diurna, ela costuma ser tão inexpressiva, sem importância e digna do esquecimento, que nós mesmos não conseguimos recordá-la sem algum esforço. O próprio conteúdo do sonho, mesmo se for coerente e inteligível, parece se ocupar com as ninharias mais irrelevantes, que jamais mereceriam o nosso interesse durante a vigília. Uma boa parcela do menosprezo pelo sonho deriva do domínio daquilo que é indiferente ou irrelevante no seu conteúdo.

A análise destrói a aparência que está na base deste juízo depreciativo. Ali onde o conteúdo do sonho posiciona no primeiro plano uma impressão indiferente como o elemento provocador do sonho, a análise demonstra com regularidade uma experiência relevante, que despertou uma agitação legítima e foi substituída pela experiência indiferente com a qual ela formou vastas ligações associativas. Ali onde o conteúdo do sonho lida com um material de ideias sem interesse ou relevância, a análise descobre inúmeras vias de ligação nas quais estas coisas sem valor se conectam com aquilo que, na avaliação psíquica do indivíduo, possui um grande valor. *Se o conteúdo do sonho acolhe uma impressão indiferente no lugar da impressão que provocou uma excitação legítima, e se ele acolhe o material indiferente no lugar daquele material que possui interesse legítimo, estes são apenas atos do trabalho de deslocamento.* Uma vez respondidas as questões relacionadas aos elementos provocadores do sonho e à conexão entre o sonhar e a atividade diurna a partir das descobertas recentes que fizemos ao substituir o conteúdo manifesto do sonho pelo conteúdo latente, torna-se necessário afirmar: *o sonho jamais dá atenção de coisas que também não mereçam a nossa atenção durante o dia, e as coisas banais que não nos preocupam durante o dia também não são capazes de nos acompanhar durante o sono.*

Qual é o elemento provocador do sonho no exemplo que escolhemos para a análise? O evento sem qualquer importância, no qual um amigo me oferece uma *viagem de carro que não custaria nada*. A situação da sala de refeições no sonho faz uma alusão a esta circunstância indiferente, pois durante a conversa eu menciono o carro com taxímetro paralelamente à sala de refeições. Mas posso, além disso, indicar a

experiência importante que é representada por este evento menor. Alguns dias antes eu havia desembolsado uma quantia considerável em favor de uma pessoa da família que é muito cara para mim. Não seria uma surpresa, está dito nos pensamentos do sonho, se esta pessoa ficasse grata a mim, e este não seria “um amor que não custou nada”. Mas o amor que não custa nada aparece em primeiro plano nos pensamentos do sonho. E o fato de ter feito *viagens de carro* com este parente em tempos que não são distantes permite que a viagem de carro com o amigo me faça lembrar das relações com aquela pessoa. – A impressão indiferente, que se torna o elemento provocador do sonho por conta dessa ligação, está subordinada a uma outra condição que não se aplica à verdadeira fonte do sonho; ela sempre deve ser uma impressão *recente*, que tem origem no dia do sonho.

Não posso me afastar do tema do deslocamento no sonho sem antes lembrar um processo admirável na formação do sonho, no qual condensação e deslocamento produzem efeitos em conjunto. A propósito da condensação, nós tomamos conhecimento do caso no qual duas ideias dos pensamentos do sonho que possuem alguma coisa em comum, algum ponto de contato, são substituídas no conteúdo do sonho por uma ideia mista, na qual um núcleo de maior nitidez corresponde ao seu elemento comum e os traços adicionais sem nitidez correspondem às particularidades de ambas. Quando um deslocamento se acrescenta a esta condensação, não se chega à formação de uma ideia mista, mas sim a um elemento intermediário comum que comporta-se em relação aos elementos isolados como a resultante de um paralelogramo de forças em relação aos seus componentes.

Por exemplo, no conteúdo de um dos meus sonhos há uma referência a *propileno*. Ao iniciar a análise eu encontro apenas uma experiência que atuou como provocadora do sonho, na qual o *amil* tem uma participação. Não tenho ainda como justificar a troca do *amil* pelo *propileno*. No círculo de pensamentos deste mesmo sonho também aparece a lembrança da primeira visita a Munique, onde os *propileus* despertaram minha atenção. As circunstâncias particulares da análise fazem supor que a influência deste segundo círculo de ideias sobre o primeiro provocou o deslocamento do *amil* para o *propileno*. O *propileno* é, por assim dizer, a ideia intermediária entre *amil* e *propileu*, e por isso ingressa no conteúdo do sonho por deslocamento e condensação simultâneos como uma espécie de *compromisso*.

O trabalho de deslocamento, mais até do que a condensação, revela aqui a urgente necessidade de encontrarmos uma razão para os esforços enigmáticos do trabalho do sonho.

VI

Se cabe ao trabalho de deslocamento a maior parcela de responsabilidade quando não se pode reconhecer ou reencontrar os pensamentos do sonho no conteúdo do sonho – sem que se descubra o motivo desta deformação –, há uma transformação efetuada sobre os pensamentos do sonho, mais sutil e de uma outra espécie, que conduz à descoberta de uma nova produção do trabalho do sonho e cuja compreensão é mais simples. Os primeiros pensamentos do sonho que são desenvolvidos pela análise destacam-se muitas vezes pela roupagem incomum: eles não parecem ser transmitidos nas formas comedidas da linguagem pelas quais o nosso pensamento demonstra preferência e parecem, ao invés disso, ser figurados de maneira simbólica por símiles e metáforas, a exemplo da riqueza de imagens da linguagem dos poetas. Não é difícil encontrar o motivo deste grau de concentração na expressão dos pensamentos do sonho. O conteúdo do sonho é formado sobretudo por situações visuais: os pensamentos do sonho devem, portanto, passar antes por uma acomodação que torne possível o seu uso por este modo de figuração. Que se imagine, por exemplo, a tarefa de substituir as frases de um editorial sobre política ou uma defesa em um tribunal por desenhos numa sucessão de imagens, e logo se compreende com facilidade as modificações que a *consideração relacionada à figuração*²³ no conteúdo do sonho impõe ao trabalho do sonho.

No material psíquico dos pensamentos do sonho aparecem com regularidade lembranças de experiências marcantes – não raramente do início da infância – que haviam sido elas próprias percebidas como situações de conteúdo predominantemente visual. Este componente dos pensamentos do sonho exerce, sempre que possível, uma influência decisiva sobre a configuração do conteúdo do sonho ao atuar como uma espécie de ponto de cristalização que atrai o material dos pensamentos do sonho e também o dissemina. A situação do sonho muitas vezes não é mais do que a repetição modificada e enredada por interpolações de uma destas experiências marcantes; em contrapartida, só muito raramente o sonho apresenta reproduções fiéis e purificadas de cenas reais.

Mas o conteúdo do sonho não é formado exclusivamente por situações e na verdade abriga fragmentos dispersos de imagens visuais, falas e até mesmo pedaços inalterados de pensamentos. Por esta razão, um breve exame dos meios de figuração que o sonho tem à sua disposição para reproduzir os pensamentos do sonho em sua forma própria de expressão talvez possa nos servir como um incentivo.

Os pensamentos do sonho que descobrimos pela análise revelam-se para nós como um complexo psíquico de estrutura altamente intrincada. Suas peças mantêm entre si as mais variadas relações lógicas, formando primeiro e segundo plano, premissas, digressões, explicações, demonstrações e objeções. Ao lado de um

pensamento está quase regularmente o seu correspondente oposto. Neste material não está ausente nenhuma das características que conhecemos do nosso pensamento de vigília. Se a partir dele for criado um sonho, o material psíquico submete-se então a uma compressão que o condensa de maneira ampla, a um deslocamento e despedaçamento interno que forma novas superfícies, por assim dizer, e a uma ação direcionada dos componentes mais apropriados para a formação de uma situação. Tal processo merece, no tocante à gênese deste material, o nome de uma “*regressão*”. Mas as ligações lógicas que sustentavam até aqui o material psíquico se perdem com a transformação em conteúdo do sonho. De certa maneira, o trabalho do sonho assume somente a preparação do conteúdo objetivo dos pensamentos do sonho. Caberá ao trabalho de análise produzir a coesão que o trabalho do sonho aniquilou.

Pode-se dizer que os meios de expressão do sonho são escassos se comparados à linguagem dos nossos pensamentos, porém o sonho não precisa renunciar inteiramente à reprodução das relações lógicas entre os pensamentos do sonho; pelo contrário, com uma boa frequência ele prova ser capaz de substituí-las pelas características formais da sua própria composição.

O sonho, em primeiro lugar, faz justiça à inegável conexão entre todas as peças dos pensamentos do sonho por unificar este material em uma situação. Ele reproduz a conexão lógica como uma proximidade no tempo e no espaço à semelhança do pintor que retrata no Parnaso os poetas que jamais se reuniram no cume de uma montanha, mas formam certamente de uma comunidade em termos conceituais. Ele faz este modo de figuração avançar até os detalhes, e ao aproximar dois elementos no conteúdo do sonho ele muitas vezes assinala uma conexão especialmente íntima entre os seus elementos correspondentes nos pensamentos do sonho. Neste ponto é necessário observar ainda que todos os sonhos produzidos na mesma noite demonstram, durante a análise, proceder do mesmo círculo de pensamentos.

A *relação de causalidade* entre dois pensamentos ou não recebe figuração ou é substituída por duas passagens de sonhos com extensão variável. Trata-se com frequência de uma figuração invertida, que traz a consequência no início do sonho e a premissa no final. A *transformação* direta de uma coisa em alguma outra no sonho figura aparentemente a relação entre *causa* e *efeito*.

O sonho jamais expressa a *alternativa* “*ou... ou...*” e na verdade acolhe ambos os termos em condições de igualdade em um mesmo contexto. Já mencionei acima que a alternativa “*ou... ou...*” empregada na reprodução do sonho deve ser traduzida por um “*e*”.

Ideias que fazem oposição uma à outra são expressadas preferencialmente pelo mesmo elemento do sonho*. O “não” parece inexistir no sonho²⁴. A oposição entre dois pensamentos, a relação de inversão, encontra no sonho uma figuração absolutamente notável. Sua expressão consiste no fato de que uma outra passagem do conteúdo do sonho é convertida – posteriormente, pode-se dizer – no seu oposto. Conheceremos mais adiante um outro modo de expressar a *contradição*. A sensação muito frequente de *inibição dos movimentos* no sonho também contribui para figurar uma contradição entre impulsos, um *conflito de vontades*.

Entre as relações lógicas existe somente uma, a relação de *semelhança, comunidade, concordância*, que favorece o mecanismo do sonho na escala mais abrangente possível. O trabalho do sonho serve-se destes casos como pontos de apoio para a condensação do sonho ao atrair para uma *nova unidade* tudo o que venha a exibir esta concordância.

Esta breve sequência de observações imprecisas naturalmente não é o bastante para apreciar toda a variedade dos meios de figuração do sonho para as relações lógicas entre os pensamentos do sonho. Sob essa perspectiva, cada sonho é trabalhado com apuro ou displicência maior, prende-se ao texto que tem à sua disposição com um cuidado maior ou menor, emprega os recursos do trabalho do sonho em uma escala mais ampla ou restrita. Neste último caso ele parece obscuro, confuso, incoerente. Mas ali onde o sonho parece flagrantemente absurdo ou carrega um contrassenso evidente no seu conteúdo, ele o faz com um propósito e concede expressão a uma parcela do conteúdo intelectual dos pensamentos do sonho por meio do aparente abandono de todas as exigências lógicas. O absurdo significa no sonho contrariedade, desprezo e zombaria. Irei reproduzir esta explicação a partir de um exemplo, pois ela contém a objeção mais incisiva contra a concepção que deriva o sonho da atividade dissociada e irrefletida do espírito.

Um conhecido meu, o senhor M., foi atacado em um ensaio por ninguém menos que Goethe com uma violência intensa e injustificada, como todos avaliamos. – O senhor M. naturalmente ficou devastado por este ataque. Ele se queixa com desgosto em uma reunião por causa disso; sua admiração por Goethe, no entanto, não foi abalada por esta experiência pessoal. Eu tento agora esclarecer um pouco as relações cronológicas, que me parecem inverossímeis. Goethe faleceu em 1832. Como o seu ataque ao senhor M. naturalmente deve ter ocorrido antes, então o senhor M. era um rapaz muito jovem naquela época. Parece plausível para mim que ele tivesse dezoito anos de idade. Não sei ao certo em qual ano estamos escrevendo,

* [Nota de Freud à edição de 1911:] É algo digno de nota que renomados estudiosos da linguagem afirmem que as línguas humanas mais antigas expressavam oposições abrangentes por uma mesma palavra (forte – fraco; dentro – fora etc.: “O sentido antitético das palavras primitivas”).

e assim todo o cálculo afunda na obscuridade. O ataque, além disso, consta do famoso ensaio “Natureza” de Goethe.

O despropósito deste sonho torna-se ainda mais gritante caso eu informe que o senhor M. é um jovem homem de negócios, muito distante de interesses poéticos e literários. Mas ao realizar a análise deste sonho eu poderei certamente mostrar todo o “método” que se esconde por trás deste disparate. O sonho recolhe o seu material de três fontes:

1) O senhor M., a quem conheci em uma *reunião*, pediu-me certa vez que eu examinasse seu irmão mais velho, que apresentava sinais de perturbação das atividades mentais. Durante a conversa com o paciente uma coisa penosa acontece: sem motivo aparente, ele faz alusões que revelam as *extravagâncias de juventude* do irmão. Eu perguntara ao paciente qual era o *ano do seu nascimento* (*ano da morte* no sonho) e o induzira a cálculos variados que deveriam atestar a debilidade da sua memória.

2) Uma revista médica, que estampa entre outros o meu nome em seu frontispício, havia publicado uma crítica absolutamente “*devastadora*” de um livro do meu amigo berlinense F., feita por um resenhista *muito jovem*. Exigi uma explicação do redator, que lamentou o ocorrido embora não promettesse alguma reparação. Como decorrência disso, cortei relações com a revista e na minha carta de desligamento ressaltai minha expectativa *de que as nossas relações pessoais não fossem abaladas por este incidente*. Essa é a verdadeira fonte do sonho. A recepção desfavorável do escrito do meu amigo teve forte impacto sobre mim. Ele contém, segundo avalio, descobertas biológicas fundamentais que somente agora, passados vários anos, começam a conquistar a simpatia dos colegas de profissão.

3) Pouco antes disso, uma paciente havia me contado o caso clínico do irmão que entrou em delírio depois de exclamar “*natureza, natureza!*” Os médicos avaliaram que essa exclamação derivava da leitura do belo ensaio de Goethe e assinalava a sobrecarga do doente por conta dos seus estudos. Eu havia notado que *me parecia mais plausível* compreender a exclamação “*natureza!*” no sentido sexual, que entre nós também é conhecido por pessoas sem instrução. O fato de que o pobre rapaz depois mutilasse os seus genitais ao menos não parecia me negar a razão. O paciente tinha dezoito anos de idade quando este acesso ocorreu.

Por trás do Eu no conteúdo do sonho esconde-se antes de mais nada o amigo tão maltratado pela crítica. “*Eu tento esclarecer um pouco as relações cronológicas*”. O livro do meu amigo trata precisamente das relações *cronológicas* da vida e vincula a duração da vida de Goethe, entre outras mais, ao múltiplo de um número de dias que possui importância para a biologia. No entanto este Eu é equiparado a um paralisado (“*Não sei ao certo em qual ano estamos escrevendo*”). O sonho figura, desse modo, que o meu

amigo se comporta como um paralítico e lança-se assim no absurdo. Mas o teor dos pensamentos do sonho é irônico: "Claro, ele é um louco, um insano, e os senhores são os gênios que sabem de tudo. Não deveria ser o *inverso*?" Essa *inversão* está representada de modo abundante no conteúdo do sonho, uma vez que Goethe atacou o jovem rapaz, o que é absurdo, enquanto mesmo hoje em dia qualquer jovem poderia atacar o grande *Goethe*.

Quero afirmar que nenhum sonho é inspirado por sentimentos que não sejam egoístas²⁵. O Eu do sonho na realidade não preenche apenas o lugar do meu amigo, mas também o meu próprio. Eu me identifico com ele porque tomo o destino das suas revelações como um modelo para *as minhas próprias* descobertas. Caso eu venha a apresentar minha teoria que assinala a importância da sexualidade na etiologia das perturbações psiconeuróticas (ver a alusão ao paciente de dezoito anos de idade, "*natureza, natureza*"), encontrarei a mesma crítica e responderei a ela com a mesma zombaria.

Se acompanho os pensamentos do sonho mais adiante, sempre encontro o *desprezo* e a *zombaria* como o *correlato dos absurdos no sonho*. A descoberta de um crânio fraturado no Lido de Veneza ofereceu a Goethe a ideia da chamada teoria vertebral do crânio. – Meu amigo se orgulha por ter provocado quando era estudante uma revolta contra um velho professor, outrora respeitado (no campo da anatomia comparada, entre outros) mas agora incapaz de lecionar por conta da *demência senil*. A agitação promovida por ele atenuou a situação inadequada das universidades alemãs, que não estabeleciam um limite de idade para a atuação acadêmica. – *A idade não protege contra a insensatez*. No nosso hospital eu tivera a honra de servir a um médico-chefe, um *fóssil* havia longo tempo e um notório *demente* havia décadas, a quem ainda era permitido exercer funções da mais alta responsabilidade. Com base na descoberta no Lido, um traço comum impõe-se diante de mim. – Colegas mais jovens compuseram para este homem uma adaptação da estrofe famosa naqueles tempos: "Não são palavras de nenhum *Goethe*, não são versos de nenhum *Schiller*".

VII

Ainda não terminamos de apreciar o trabalho do sonho. Além da condensação, do deslocamento e da apresentação sensível do material psíquico, somos obrigados a atribuir-lhe uma outra atividade cuja contribuição não pode entretanto ser reconhecida em todos os sonhos. Não irei abordar esta parcela do trabalho do sonho com precisão e por isso quero somente indicar que adquirimos mais rapidamente uma ideia de sua natureza ao aceitarmos a suposição *de que ela age em um momento posterior sobre o conteúdo previamente formado do sonho*²⁶. Sua atividade consiste em dispor os componentes do sonho de uma maneira que eles se articulem

em termos que se aproximam de um contexto, de uma composição onírica. O sonho adquire assim uma espécie de fachada que certamente não cobre todas as suas partes; ele recebe então uma interpretação provisória que é amparada por inserções e ligeiras alterações. Mas para tornar-se possível, essa elaboração do conteúdo do sonho precisa fingir que não sabe enxergar: ela não oferece nada além de uma flagrante incompreensão dos pensamentos do sonho, e para fazer a análise do sonho nós precisamos antes nos libertar desta tentativa de interpretação.

A motivação é especialmente clara para esta parcela do trabalho do sonho. É a *consideração relacionada à compreensão* que provoca esta reelaboração final do sonho: mas isso também revela a origem desta atividade. Ela se comporta diante do conteúdo do sonho que é apresentado do mesmo modo que a nossa atividade psíquica normal geralmente se comporta diante de um conteúdo perceptivo qualquer que lhe seja oferecido. Ela o apreende lançando mão de alguma expectativa, e desde a percepção já o organiza sob a premissa de que ele seja compreensível, correndo aqui o risco de adulterá-lo, e incorre de fato nos equívocos mais insólitos quando o conteúdo não se ajusta a nenhuma coisa conhecida. Sabe-se bem que não somos capazes de observar uma sucessão de signos estranhos ou escutar uma sequência de palavras desconhecidas sem antes falsificarmos a sua percepção a partir da *consideração relacionada à compreensão*, do amparo de alguma coisa que conhecemos.

Podemos descrever como *bem compostos* os sonhos que receberam esta elaboração realizada por uma atividade perfeitamente análoga ao pensamento de vigília. Esta atividade falhou por completo em outros sonhos; não houve sequer uma tentativa de produzir ordem e interpretação, e à medida que nosso sentimento após o despertar for idêntico a esta parte final do trabalho do sonho, julgamos que o sonho é “inteiramente confuso”. Para a nossa análise, porém, o sonho que se assemelha a uma pilha desarrumada de fragmentos desconexos possui o mesmo valor do sonho bem aplainado e provido de uma superfície. No primeiro caso nós nos poupamos do esforço de destruir a reelaboração do conteúdo do sonho.

Mas seria um erro não querer enxergar nestas fachadas do sonho outra coisa além das elaborações francamente equivocadas e um tanto arbitrárias do conteúdo do sonho que são empreendidas pela instância consciente da nossa vida anímica. Na construção da fachada do sonho não é raro o emprego das fantasias de desejo que conhecemos da nossa vida de vigília – dos sonhos diurnos, que fazem por merecer este nome. As fantasias de desejo que a análise descobre nos sonhos noturnos muitas vezes provam ser repetições e modificações de cenas infantis; dessa maneira, em alguns sonhos a fachada nos mostra imediatamente o núcleo verdadeiro do sonho, deformado pela mistura com outros materiais.

Além das quatro atividades mencionadas não existem outras que se possa descobrir no trabalho do sonho. Se nos ativermos à definição do conceito, segundo a qual o "trabalho do sonho" designa a passagem dos pensamentos do sonho para o conteúdo do sonho, precisamos então admitir que o trabalho do sonho não é criador, não produz nenhuma fantasia que lhe pertença, não julga, não extrai conclusões, não faz absolutamente nada senão condensar, deslocar e preparar o material para a sensibilidade, com o pequeno acréscimo da etapa final e inconstante que elabora uma interpretação para ele. Mesmo assim encontramos no conteúdo do sonho certas coisas que talvez preferíssemos compreender como uma produção intelectual diferente e mais elevada, e no entanto a análise prova claramente em todos os casos *que estas operações intelectuais já incidiam sobre os pensamentos do sonho e foram somente incorporadas pelo conteúdo do sonho*. Uma conclusão no sonho é a mera repetição de um raciocínio nos pensamentos do sonho: ele não parece ofensivo se for transportado para o sonho sem modificações; ele se torna incoerente caso seja deslocado pelo trabalho do sonho para outro material. Uma conta no conteúdo do sonho não significa nada além da presença de um cálculo nos pensamentos do sonho; enquanto este é correto, o cálculo do sonho pode gerar os resultados mais aberrantes pela condensação dos seus fatores e pelo deslocamento destas mesmas operações para um material diferente. Nem mesmo as falas que aparecem no conteúdo do sonho são composições originais; elas revelam ser remendos de falas que foram renovadas nos pensamentos do sonho como alguma coisa que se disse, se ouviu ou se leu, e cujo teor eles copiam com toda fidelidade, ao mesmo passo que abandonam por completo a sua motivação e modificam com violência o seu sentido.

Talvez não seja desnecessário reforçar estas afirmações a partir de exemplos.

I) Um sonho de uma paciente, bem composto e de aparência inocente:

*Ela vai ao mercado com a cozinheira, que está carregando o cesto. O açougueiro lhe diz, após ela fazer um pedido: **já não temos mais isso**, e quer lhe passar uma outra coisa, enquanto comenta: **isso aqui também é bom**. Ela recusa e se dirige à moça dos legumes. Esta quer lhe vender um legume peculiar, que está amarrado em um embrulho mas tem a cor escura. Ela diz: **eu não sei o que é isso, não vou levar isso**.*

A fala: não temos mais isso – deriva do tratamento. Alguns dias antes eu mesmo havia usado estas palavras para explicar à paciente que *não temos mais* as recordações antigas da infância em si mesmas, que na verdade são substituídas por transferências e sonhos. Ou seja, eu sou o açougueiro.

A segunda fala: *eu não sei o que é isso* – aparece em um contexto absolutamente diferente. Dias antes ela mesma fizera uma advertência para a sua cozinheira, que por sinal está presente no sonho: *comporte-se de maneira decente, eu não sei o que é isso*, o que certamente quer dizer: não aceito isso, não admito um comportamento desses.

A parte inocente desta fala chega até o conteúdo do sonho por deslocamento; nos pensamentos do sonho somente a outra parte da fala desempenha um papel, pois neste caso o trabalho do sonho transformou uma situação ligada à fantasia, na qual eu me comporto *de uma maneira um tanto indecente em relação a esta senhora*, ao ponto de tornar essa situação irreconhecível e perfeitamente inocente. Mas a situação antecipada pela fantasia é ela própria a reedição de uma outra, que foi realmente vivida.

II) Um sonho aparentemente sem significado, no qual aparecem números. *Ela quer pagar por alguma coisa; sua filha retira 3 florins e 65 kreuzers da carteira, mas ela lhe diz: o que você está fazendo? Isso só custa 21 kreuzers.*

A mulher que teve o sonho era uma estrangeira que pusera a filha em uma escola vienense e só poderia seguir em tratamento comigo enquanto a menina estivesse em Viena. No dia anterior ao sonho, a diretora do internato lhe propôs que a menina permanecesse por mais um ano. Neste caso ela também poderia estender o tratamento por mais um ano. Os números do sonho recebem um significado se lembrarmos que tempo é dinheiro. *Time is money. Um ano é o equivalente a 365 dias ou, usando uma expressão com kreuzers: 365 kreuzers, ou 3 florins e 65 kreuzers. Os 21 kreuzers correspondem às três semanas que ainda restavam entre o dia do sonho e o encerramento das aulas e, como consequência disso, o final do tratamento.*

III. Uma senhora jovem, porém casada há anos, soube que uma conhecida que tem praticamente a sua idade, a Srta. Elise L., ficou noiva. Este episódio provoca o seguinte sonho:

Ela está no teatro com o marido, um dos lados do auditório está completamente vazio. Seu marido conta para ela que Elise L. e o noivo também queriam vir mas só encontraram assentos ruins, três por 1 fl. e 50 kr., que eles evidentemente não poderiam aceitar. Ela acha que isso não seria nenhuma desgraça.

Interessa-nos aqui a origem dos números a partir do material do sonho e as transformações que ele experimenta. *De onde vem o 1 fl. e 50kr.? De um episódio indiferente do dia anterior. Sua cunhada recebera do marido 150 fl. como presente e se apressou em dar-lhes um destino comprando uma joia. Queremos observar que 150 fl. são dez vezes mais do que 1 fl. e 50kr. Para o três que está junto aos bilhetes de teatro só aparece uma ligação, o fato de que a noiva Elise L. é exatamente três meses mais nova do que a pessoa que teve o sonho. A situação do sonho é a reprodução de um pequeno incidente que o marido sempre recorda para fazer graça com ela. Certa vez ela havia se apressado demais em comprar ingressos com antecedência para um espetáculo teatral, e quando chegaram ao teatro *um dos lados do auditório estava praticamente vazio.* Ou seja, ela não precisava *ter se apressado tanto.* – Por fim, não*

deixemos de lado o componente absurdo do sonho, as duas pessoas que precisam de três ingressos para o teatro!

E agora, os pensamentos do sonho: foi realmente uma *tolice* casar tão cedo; eu não precisava *ter me apressado tanto*. O exemplo de Elise L. me mostra que eu ainda poderia encontrar um marido, e poderia ser um (marido, patrimônio) *cem vezes* melhor se eu apenas tivesse esperado. Com este dinheiro (o dote) eu poderia ter comprado três maridos iguais a esse!

VIII

Depois que passamos a conhecer o trabalho do sonho a partir das explicações precedentes, certamente ficaremos inclinados a considerá-lo como um processo psíquico muito particular, que não se assemelha a nada que conhecemos. É como se houvesse sido transportado para o trabalho do sonho o estranhamento que o seu próprio produto, o sonho, costuma nos despertar. Na realidade o trabalho do sonho é apenas o primeiro de uma longa série de processos psíquicos que passamos a conhecer, aos quais devemos atribuir o surgimento dos sintomas histéricos, das ideias angustiantes, obsessivas e delirantes. A condensação e sobretudo o deslocamento são características que jamais estão ausentes nestes outros processos. Em contrapartida, a preparação para a sensibilidade pertence exclusivamente ao sonho. Se esta explicação situa o sonho em uma mesma série ao lado das formações de doenças psíquicas, torna-se ainda mais importante para nós a descoberta das condições elementares de processos como a formação do sonho. Nós provavelmente ficaremos surpresos por saber que nem o estado de sono e nem a doença figuram entre estas condições indispensáveis. O aparecimento de um vasto número de fenômenos da vida cotidiana das pessoas sadias – o esquecimento, os lapsos de fala, os atos descuidados e uma categoria especial de equívocos – se deve a um mecanismo psíquico análogo, a exemplo do sonho e de outros componentes desta série.

O cerne do problema está no deslocamento, a produção isolada do trabalho do sonho que tem maior destaque. Quando nos aprofundamos nesta questão, descobrimos que a condição essencial do deslocamento é puramente psicológica; ela é uma espécie de *motivação*. Encontramos uma pista nesta direção quando examinamos as experiências das quais não é possível escapar na análise dos sonhos. Precisei interromper a comunicação dos pensamentos do sonho enquanto analisava o exemplo da página 60 porque entre eles havia, como eu admiti, certos pensamentos que preferi ocultar de pessoas estranhas e que eu não poderia comunicar sem um grave desrespeito a interesses mais importantes. Acrescentei que não existiria vantagem se no lugar deste sonho eu tivesse escolhido algum outro; em todos os sonhos que têm um conteúdo obscuro ou confuso eu encontraria pensamentos do

sonho que impõem o segredo. Mas se continuo a análise por minha conta, sem consideração por outras pessoas – para quem uma experiência tão pessoal como o meu sonho não está destinada – eu encontro ao final pensamentos que me surpreendem, que eu não reconhecia em mim mesmo, que são *estranhos* e, além disso, *desagradáveis* para mim, e que eu gostaria de refutar energicamente por este motivo; e no entanto a cadeia de pensamentos que percorre a análise os impõe diante de mim sem apelação. Para tomar em consideração este quadro muito comum eu apenas posso supor que estes pensamentos estavam de fato presentes na minha vida anímica e possuíam uma determinada intensidade ou energia psíquica, mas encontravam-se em uma situação psicológica particular, em virtude da qual *eles não podiam se tornar conscientes*. Dou a este estado peculiar o nome de estado de *recalque*²⁷. Dessa maneira, nada me resta senão reconhecer uma ligação causal entre a obscuridade do conteúdo do sonho e o estado de recalque, e concluir que o sonho precisa ser obscuro *para não denunciar os pensamentos proibidos do sonho*. Chego assim ao conceito de deformação do sonho, que é uma obra do trabalho do sonho e serve ao propósito de escondê-lo, à *dissimulação*.

Quero colocar à prova o exemplo que separei para análise e perguntar a mim mesmo qual seria então o pensamento que se destaca neste sonho com uma deformação, ao passo que sem esta deformação ele despertaria em mim uma intensa oposição. Recordo que a viagem de carro sem custo nenhum me remeteu a viagens passadas de custo elevado, ao lado de uma pessoa da família, e que a interpretação deste sonho trouxe o resultado seguinte: eu queria encontrar uma só vez um amor que não me custasse nada; e recordo que pouco antes do sonho eu havia desembolsado uma grande soma de dinheiro justamente para esta pessoa. Neste contexto, não tenho como afastar o pensamento de que me arrependo por essa despesa. A partir do instante em que reconheço este sentimento, passa a ter sentido que eu deseje no sonho um amor que não me impõe nenhuma despesa. Mas posso dizer com franqueza para mim mesmo que não hesitei um só instante quando decidi destinar aquela soma. O arrependimento, a corrente oposta, não se tornou consciente para mim. Quanto aos seus motivos, esta é uma questão que nos levaria muito longe e a resposta que conheço está ligada a um contexto diferente.

Se submeto à análise o sonho de outra pessoa em vez do meu próprio sonho, o resultado permanece igual mas mudam as razões que a tornam confiável. No caso do sonho de uma pessoa sadia, além da coerência dos pensamentos do sonho eu não disponho de algum outro meio que a faça admitir as ideias recalçadas que foram descobertas, e mesmo assim ela pode se recusar a admiti-las. Mas no caso de uma pessoa que sofre de uma neurose – de um histérico, por exemplo – a admissão do pensamento recalçado impõe-se para ela em virtude da conexão entre estes pensamentos e os sintomas de sua doença, e em virtude da recuperação que ela

experimenta com a substituição dos sintomas pelas ideias recalçadas. No caso da paciente com quem se passou este último sonho dos três ingressos por 1 fl. e 50kr., a análise deve supor que ela deprecia o marido, que se arrepende por ter casado com ele, que queria trocá-lo por um outro. E no entanto ela afirma que ama o marido, que a sua sensibilidade não tomou conhecimento dessa depreciação (um outro cem vezes melhor!), mas todos os seus sintomas apontam para a mesma solução do sonho, e depois que foram despertadas nela as lembranças recalçadas de um certo período no qual ela também não amava o marido de um modo consciente, estes sintomas se dissolveram e a sua resistência à interpretação do sonho desapareceu.

IX

Depois de fixar o conceito de recalque e definir a deformação do sonho em sua relação com o material psíquico recalçado, podemos expor em termos gerais o principal resultado que a análise dos sonhos oferece. Com os sonhos que são compreensíveis e fazem sentido nós aprendemos que eles são realizações de desejo sem disfarces, ou seja, que neles a situação onírica figura como já realizado um desejo que a consciência conhece, que restou da vida diurna e certamente merece interesse. A análise ensina alguma coisa perfeitamente análoga a respeito dos sonhos obscuros e confusos: aqui a situação onírica também figura como já realizado um desejo que parte geralmente dos pensamentos do sonho, mas essa é uma figuração irreconhecível, que só encontra uma explicação se estiver remetida à análise, e o desejo ou é ele próprio um desejo recalçado, estranho para a consciência, ou então possui uma ligação estreita com pensamentos recalçados, sendo sustentado por tais pensamentos. A fórmula para estes sonhos é a seguinte: *eles são realizações disfarçadas de desejos recalçados*. A propósito disso é interessante notar que a opinião popular, segundo a qual o sonho anuncia o futuro, está com a razão. Na verdade, o futuro que o sonho nos mostra não é aquele que virá e sim aquele que nós gostaríamos que viesse. Aqui a alma popular procede como de hábito: ela acredita naquilo que deseja.

Os sonhos dividem-se em três classes quanto à realização de desejo. Em primeiro lugar, aqueles que figuram *sem disfarce* um desejo que *não foi realizado*; são os sonhos de tipo infantil, que vão se tornando mais raros nos adultos. Em segundo lugar, os sonhos que expressam *com disfarce* um desejo *recalçado*, que formam sem dúvida a imensa maioria de todos os nossos sonhos que necessitam mais adiante da análise para ser compreendidos. Em terceiro lugar, os sonhos que figuram um desejo recalçado, porém *sem disfarce* ou com um disfarce insuficiente. Estes últimos sonhos geralmente são acompanhados por uma *angústia* que interrompe o sonho. Aqui a angústia é o substituto da deformação do sonho; ela só é evitada pelo trabalho do sonho naqueles sonhos da segunda classe. Não é muito difícil demonstrar que o

conteúdo das ideias que agora nos provoca angústia era um desejo em outra época e permanecia desde então submetido ao recalque.

Também existem sonhos claros com um conteúdo penoso, que mesmo assim não é percebido como penoso. Por isso, não podemos incluí-los entre os sonhos de angústia; no entanto eles sempre foram apresentados como uma prova de que não existe significado e valor psíquico nos sonhos. A análise de um exemplo revela que nestes casos trata-se da realização *bem disfarçada* de desejos recalcados, ou seja, de sonhos que pertencem à segunda classe, e também demonstra a notável capacidade do trabalho de deslocamento para disfarçar o desejo.

Uma moça sonha que está vendo à sua frente o corpo do único filho ainda vivo da irmã, no mesmo ambiente em que havia visto o corpo do outro filho alguns anos antes. Ela não sente nenhuma dor por causa disso, mas evidentemente protesta contra a ideia de que esta situação correspondesse a um desejo seu. E não havia essa necessidade; mas foi ao lado do caixão desta criança que há vários anos ela encontrou pela última vez o homem que amava e conversou com ele; se a segunda criança morresse, ela certamente encontraria outra vez este homem na casa da irmã. Ela anseia por este encontro mas luta contra o seu sentimento. No dia do sonho ela havia retirado pessoalmente o ingresso de uma palestra que anunciava o homem por quem ela permanecia apaixonada. Seu sonho é apenas um sonho de impaciência que costuma ocorrer antes de viagens, idas ao teatro e outros prazeres que são aguardados. Mas para ocultar dela este anseio a situação é deslocada para a ocasião que menos combina com um sentimento de alegria, e que havia se passado na realidade uma vez. Observemos ainda que o comportamento afetivo no sonho não corresponde ao conteúdo deslocado do sonho e sim ao conteúdo real, que estava retido. A situação onírica antecipa o reencontro aguardado por tanto tempo; ela não faz qualquer ligação com um sentimento doloroso.

X

Os filósofos não tiveram até o presente a oportunidade de se ocupar da psicologia do recalque. Estamos assim autorizados a conceber uma imagem sensível daquilo que sucede na formação do sonho por meio de uma aproximação inicial. O esquema ao qual chegamos não somente a partir do estudo dos sonhos é demasiadamente complicado, mas outro mais simples não irá nos bastar. Nós supomos a existência de duas instâncias formadoras de pensamentos em nosso aparelho anímico, no qual a segunda instância tem a prerrogativa do livre acesso das suas produções à consciência, enquanto a atividade da primeira é em si mesma inconsciente e pode alcançar a consciência somente se passar pela segunda. Na fronteira entre as duas instâncias encontra-se uma censura que só permite a passagem

daquilo que é agradável, mas retém todo o restante. Aquilo que é recusado pela censura encontra-se portanto no estado de recalque, de acordo com a nossa definição. Sob condições determinadas, entre as quais o estado de sono, a relação de forças se modifica de uma tal maneira que o recalcado já não pode ser inteiramente retido. No estado de sono, por exemplo, isso acontece por meio do relaxamento da censura; e aquilo que permanecia recalcado poderá então abrir caminho para a consciência. Como a censura jamais é suprimida, mas apenas rebaixada, o material recalcado deve acatar modificações que amenizam a sua inconveniência. Nestes casos aquilo que se torna consciente representa um compromisso entre as intenções de uma instância e as imposições da outra. *Recalque – relaxamento da censura – formação de compromisso*: este é o esquema fundamental que no entanto vale em igual medida para o aparecimento do sonho e de tantas outras formações psicopatológicas, e em todos os casos é possível observar os processos de condensação, deslocamento e incorporação de associações superficiais que conhecemos do trabalho do sonho.

Não temos razão alguma para ocultar o elemento de demonismo presente na exposição em que explicamos o trabalho do sonho. Ficamos com a impressão de que a formação dos sonhos obscuros acontece como se uma pessoa que dependesse de uma outra tivesse a dizer alguma coisa que esta última não gostaria de ouvir; e a partir deste símile nós concebemos os conceitos de *deformação do sonho* e censura, e nos empenhamos em traduzir nossa impressão em uma teoria psicológica que é sem dúvida rudimentar, mas pode ao menos ser apreendida. Quaisquer possam ser as identidades atribuídas para a nossa primeira e nossa segunda instância, esperamos ver confirmada uma correspondência com a nossa suposição de que a segunda instância controla o acesso à consciência e pode isolar da consciência a primeira instância.

Uma vez superado o estado de sono, a censura logo recupera toda a sua intensidade e pode outra vez destruir o que lhe tomaram no seu período de fraqueza. Que o *esquecimento* do sonho imponha ao menos *parcialmente* esta explicação, é algo que deriva de uma experiência que foi confirmada inúmeras vezes. Na peça que escapou do esquecimento encontra-se geralmente o caminho melhor e mais curto para o significado do sonho. É provável que ela estivesse sob o poder do esquecimento – isto é, de uma nova repressão – apenas por este motivo.

XI

Se compreendemos o conteúdo do sonho como a figuração de um desejo realizado e relacionamos a sua obscuridade com as alterações que a censura realiza no material recalcado, também podemos inferir sem dificuldade a função do sonho. Em um raro desacordo com as expressões idiomáticas, segundo as quais o sono é

perturbado pelos sonhos, somos obrigados a reconhecer *o sonho como o protetor do sono*. Talvez seja mais simples dar crédito à nossa afirmação no caso dos sonhos infantis.

O estado de sono ou a modificação psíquica do sono, seja qual for a sua constituição, é induzido pela decisão de dormir que é imposta para a criança ou decorre das sensações de cansaço, e só é possível mediante o afastamento dos estímulos que poderiam definir outras metas além do repouso para o aparelho psíquico. Os meios apropriados para isolar os estímulos externos são conhecidos; mas de quais meios dispomos para deter os estímulos anímicos internos que se opõem ao adormecimento? Observemos uma mãe que coloca o filho para dormir. Ele manifesta sem cessar alguma necessidade: quer mais um beijo, quer brincar mais um pouco. Uma parte dessas necessidades é satisfeita, uma outra é adiada com autoridade para o dia seguinte. É evidente que a agitação dos desejos e necessidades inibem a passagem para o sono. Quem não conhece a divertida história do menino travesso (de Balduin Groller²⁸) que acorda no meio da noite e começa a urrar pelo dormitório: *ele quer o rinoceronte?* Em vez de urrar, uma criança obediente *sonharia* que está brincando com o rinoceronte. Como o sonho que exhibe o desejo realizado é recebido com credulidade durante o sono, ele suprime o desejo e permite o sono. É inegável que essa credulidade está dirigida para a imagem do sonho, pois essa imagem usa os trajes de um fenômeno psíquico da percepção, enquanto a criança ainda não possui a capacidade de distinguir entre a realidade e a alucinação ou a fantasia, a qual ela só irá adquirir mais adiante.

O adulto aprendeu esta distinção; compreendeu também que desejar não lhe traz vantagem alguma e adquiriu, pelo exercício constante, a capacidade de adiar as suas aspirações até que elas venham a encontrar, em meio a longos desvios, uma solução que passa pela modificação do mundo exterior. Da mesma maneira, as realizações de desejo pelo trajeto psíquico mais curto também são raras no seu caso; é até mesmo possível que elas simplesmente não aconteçam, e que tudo aquilo que nos parece composto ao modo de um sonho infantil demande uma solução muito mais complicada. Em contrapartida, formou-se no adulto – e certamente em toda pessoa que tem a posse dos seus sentidos – uma diferenciação do material psíquico que falta à criança. Instaurou-se uma instância psíquica que, orientada pela experiência, mantém uma influência dominante e inibidora sobre os impulsos psíquicos com um zelo veemente, e dispõe dos principais meios do poder psíquico por conta da posição que ocupa em relação à consciência e à motilidade voluntária. Mas uma parcela dos impulsos infantis, considerada inútil para a vida, foi reprimida por esta instância e todo o material de pensamento que procedia deles encontra-se no estado de recalque. Enquanto a instância na qual identificamos nosso Eu normal se conforma ao desejo de dormir, ela também parece constrangida pelas condições psicofisiológicas do sono a relaxar a energia que era usada para deter o recalque.

durante o dia. O relaxamento é em si mesmo inofensivo; pouco importa que as excitações da alma infantil se agitem, mas é precisamente o estado de sono que dificulta o seu acesso à consciência e bloqueia o acesso à motilidade. Mesmo assim é necessário prevenir o risco de que elas perturbem o sono. Devemos, de qualquer modo, aceitar a suposição de que mesmo durante o sono profundo uma cota de atenção livre esteja mobilizada contra os estímulos sensoriais, como um guardião que pode julgar o ato de despertar mais aconselhável do que a continuação do sono. Do contrário, não haveria como explicar que possamos ser despertados por estímulos sensoriais de uma qualidade determinada, como já assinalava o velho fisiologista Burdach: por exemplo, a mãe pelo choro da criança, o moleiro pelo moinho que não se move e a maioria das pessoas pelo leve som do seu próprio nome. Pois essa atenção que permanece em guarda orienta-se igualmente para os estímulos internos de desejo provenientes do recalco e constrói com eles o sonho, que satisfaz simultaneamente as duas instâncias como um compromisso. O sonho cria uma espécie de resolução psíquica para o desejo que foi reprimido ou formou-se com o auxílio do recalco por apresentá-lo como realizado, mas atende também à outra instância por permitir que o sono prossiga. O nosso Eu se comporta como uma criança neste caso; ele dá crédito às imagens do sonho como se dissesse: “claro, você tem razão, agora me deixe dormir”. O despreço que demonstramos pelo sonho quando despertados, e que remete à confusão e aparente falta de lógica do sonho, talvez não seja nada além do juízo que o nosso Eu adormecido forma a respeito dos impulsos do recalco, e que se apoia com mais propriedade sobre a incapacidade motora destes elementos que perturbam o sono. O juízo depreciativo eventualmente alcança a nossa consciência durante o sono; se o conteúdo do sonho ultrapassa em demasia os limites da censura, nos pensamos: “Mas é só um sonho” – e continuamos a dormir.

Esta compreensão não é contestada pela existência de casos limite nos quais o sonho não pode mais cumprir a função de proteger o sono contra uma interrupção – como nos sonhos de angústia – e a substitui pela função de suspender o sono no momento certo. Nestas situações ele apenas procede como um vigia noturno responsável, que cumpre primeiro o seu dever quando neutraliza as perturbações para não despertar os moradores, mas segue cumprindo o seu dever quando ele mesmo desperta os moradores se as causas da perturbação parecem graves e não pode enfrentá-las sozinho.

Esta função do sonho se torna especialmente clara quando excitações sensoriais são provocadas na pessoa que está dormindo. A influência que os estímulos sensoriais exercem sobre o conteúdo dos sonhos é bastante conhecida, pode ser comprovada por experimentos e conta entre os poucos resultados seguros, embora muito superestimados, da pesquisa médica a respeito do sonho. Um enigma

insolúvel uniu-se no entanto a essa investigação. O estímulo sensorial que o experimentador induz na pessoa que está dormindo não é identificado corretamente e na verdade está submetido a uma entre infinitas interpretações, cuja determinação parece ter sido transferida para o arbítrio psíquico. O arbítrio psíquico evidentemente não existe. A pessoa que está dormindo pode reagir de muitas maneiras frente a um estímulo sensorial externo. Ou ela desperta ou consegue continuar dormindo apesar dele. Neste último caso ela pode se servir do sonho para afastar o estímulo, novamente de muitas maneiras. Ela pode suprimir o estímulo, por exemplo, sonhando com uma situação inteiramente incompatível com ele. É o que faz, por exemplo, um homem que enfrenta durante o sono a iminente perturbação de um abcesso no períneo. Ele sonha que monta a cavalo, usa o cataplasma que deveria aliviar a sua dor como sela e vence dessa maneira a perturbação. Ou então, o que é mais frequente, o estímulo externo recebe uma nova interpretação que o introduz no contexto de um desejo recalcado que está prestes a se cumprir, privando assim o estímulo de sua realidade e tratando-o como se fosse uma parte do material psíquico. Alguém sonha, por exemplo, que escreveu uma comédia que expressa uma certa ideia fundamental: ela está sendo encenada no teatro, o primeiro ato chega ao fim e recebe um ruidoso aplauso. Há um falatório terrível... Neste caso o sonhador provavelmente conseguiu levar o sono adiante apesar da perturbação, pois ele não escutava mais o ruído quando acordou e inferiu corretamente que alguém sacudia um tapete ou colchões. – Todos os sonhos que são provocados por um ruído alto logo antes do despertar buscaram alguma outra explicação para desmentir o estímulo que teria o poder de despertar e prolongar o sono por um instante a mais.

XII ²⁹

Quem adota a perspectiva que toma a *censura* como o principal motivo da deformação do sonho não ficará surpreso ao descobrir nos resultados da interpretação que a análise da maior parte dos sonhos adultos remete a *desejos eróticos*. Essa afirmação não é dirigida aos sonhos com flagrante conteúdo sexual que toda pessoa que sonha certamente conhece por experiência própria, e que geralmente são os únicos descritos como “sonhos sexuais”. Até mesmo estes sonhos surpreendem o bastante por conta das pessoas que são escolhidas como objetos sexuais, pelo afastamento de todas as barreiras que os sonhadores impõem na vida de vigília às suas necessidades sexuais, pelas diversas particularidades que aludem àquilo que designamos como *perverso*. No entanto a análise mostra que vários outros sonhos que não sugerem nenhum elemento erótico no seu conteúdo manifesto são desmascarados pelo trabalho de interpretação como realizações de desejos sexuais, e que vários dos pensamentos da reflexão de vigília que persistem como “restos

diurnos” ganharam uma figuração no sonho somente com a contribuição de desejos eróticos recalçados.

Para esclarecer este quadro, que não corresponde a um postulado teórico, é preciso assinalar que nenhum outro grupo de pulsões experimentou tão amplamente a repressão por parte das exigências da educação civilizada quanto as pulsões sexuais, e que apesar disso são justamente as pulsões sexuais aquelas que melhor aprendem a esquivar-se do domínio pelas instâncias anímicas mais elevadas para a maioria das pessoas. Depois que passamos a conhecer a *sexualidade infantil* a partir de suas manifestações, muitas vezes imperceptíveis e regularmente negligenciadas e incompreendidas, conquistamos o direito de afirmar que praticamente toda pessoa civilizada preservou a forma infantil da sexualidade sob algum aspecto, e por isso entendemos que os desejos sexuais infantis representam a força motriz³⁰ mais poderosa e constante na formação dos sonhos.

Para apresentar uma aparência inocente no seu conteúdo manifesto, o sonho que expressa desejos eróticos conta apenas com uma possibilidade. O material das representações sexuais não tem permissão para ser figurado como ele próprio e deve ser substituído no conteúdo do sonho por sinais, alusões e modos similares de figuração indireta, porém a figuração presente no sonho deve se afastar da compreensão imediata, ao contrário dos outros casos de figuração indireta. Os meios de figuração³¹ que observam estas condições são geralmente designados como os símbolos dos elementos que eles figuram. Eles passaram a receber atenção especial depois que se observou que os sonhadores de um mesmo idioma recorrem aos mesmos símbolos, e que em alguns casos a coletividade do símbolo se sobrepõe à coletividade do idioma. Como as pessoas que sonham não conhecem o significado dos símbolos que elas mesmas empregam, a origem de sua relação com os elementos que são substituídos e designados por eles representa de início um mistério. Mas o fato em si é inquestionável e adquire importância para a técnica da interpretação do sonho, pois com o auxílio de um conhecimento a respeito do simbolismo no sonho é possível compreender elementos isolados do conteúdo do sonho, trechos isolados ou mesmo sonhos inteiros em alguns casos, sem a necessidade de se perguntar à pessoa que teve o sonho quais são as suas associações. Ficamos assim mais próximos do ideal de uma tradução do sonho e por outro lado resgatamos a técnica de interpretação dos povos antigos, que consideravam idênticas a interpretação do sonho e a interpretação por meio do simbolismo.

Embora o estudo dos símbolos do sonho esteja longe de ser encerrado, nós podemos mesmo assim defender com segurança uma série de afirmações gerais e informações específicas a seu respeito. Existem símbolos que devem ser traduzidos quase invariavelmente de uma mesma maneira, por exemplo o imperador e a

imperatriz (rei e rainha) significam os pais, os aposentos figuram mulheres e suas entradas e saídas figuram os orifícios do corpo. A maioria dos símbolos do sonho é empregada na figuração de pessoas, de partes do corpo e de ações com um nítido interesse erótico; especialmente os genitais podem ser figurados por símbolos que muitas vezes provocam surpresa, e os mais diversos objetos são empregados para designar simbolicamente os genitais. Quando armas, objetos extensos e rígidos como troncos de árvore e bastões aparecem no lugar do genital masculino, e armários, caixas, carros e fornos no lugar do genital feminino, nós logo compreendemos qual é o *tertium comparationis*, o elemento comum nessas substituições, mas não percebemos com tanta facilidade a relação existente no caso de todos os símbolos. Símbolos como a subida ou a escalada para a relação sexual, a gravata para o membro masculino, a madeira para o corpo feminino desafiam a nossa incredulidade somente enquanto ainda não compreendemos a relação simbólica por outros caminhos. Além disso, um certo número de símbolos do sonho é bissexual e pode ter relação com o genital masculino ou feminino a depender do contexto.

Existem símbolos de alcance universal, presentes nos sonhos de todas as pessoas de um círculo linguístico e cultural, e outros de ocorrência muito restrita e individual, formados a partir do material das ideias de cada pessoa. Entre os primeiros nós separamos aqueles nos quais a pretensão de representar um elemento sexual sem dúvida é legítima (p.ex., os símbolos ligados à agricultura, como plantar e semear) de outros nos quais a ligação com o elemento sexual parece recuar a escuras profundezas e ao mais antigo dos tempos, no qual nossos conceitos ainda adquiriam uma forma. O poder de criação simbólica nas duas espécies de símbolos que distinguimos acima não se extinguiu nos nossos dias. É possível notar que objetos recém criados (como o dirigível) são logo elevados a símbolos sexuais empregados de uma maneira universal.

Quanto ao mais, seria um equívoco esperar que um conhecimento mais rigoroso do simbolismo do sonho (da “língua do sonho”³²) nos dispensasse de consultar a pessoa que teve o sonho a respeito das associações ligadas a ele e nos remetesse inteiramente à técnica da antiga interpretação de sonhos. Com exceção dos símbolos individuais e das variações no emprego de símbolos universais, jamais sabemos se um elemento do conteúdo do sonho deve ser interpretado em seu sentido simbólico ou genuíno, e sabemos com segurança que o conteúdo do sonho não deve ser interpretado simbolicamente em sua totalidade. O conhecimento do simbolismo do sonho sempre irá nos informar apenas a tradução de componentes isolados do conteúdo do sonho e não tornará ociosa a aplicação das regras técnicas anteriormente descritas. No entanto ele será o recurso mais valioso para a interpretação ali onde as associações da pessoa que sonha falham ou se mostram insuficientes.

O simbolismo do sonho também provou ser indispensável para a compreensão dos chamados sonhos “típicos” dos homens em geral e dos sonhos “recorrentes” do indivíduo em particular. Se a apreciação do modo simbólico de expressão nesta breve exposição parece demasiadamente incompleta, a justificativa para essa falta de cuidado é indicada por uma das percepções mais decisivas que podemos formular a respeito da questão. O simbolismo do sonho vai muito além do próprio sonho; ele não pertence apenas ao sonho, e tem o mesmo domínio nas figurações dos contos de fada, dos mitos e sagas, das anedotas e do folclore. Ele nos permite acompanhar as conexões íntimas entre os sonhos e estas produções; mas precisamos admitir que ele não é produzido pelo trabalho do sonho e na verdade talvez represente uma qualidade específica do nosso pensar inconsciente, que fornece ao trabalho do sonho o material para a condensação, o deslocamento e a dramatização*.

XIII

Não tive a pretensão de lançar luz sobre todos os problemas do sonho ou apresentar uma solução convincente para os problemas discutidos aqui. Quem tiver interesse por toda a extensão da literatura sobre o sonho pode se remeter ao livro de *Sante de Sanctis: I sogni*, Torino, 1899; quem procura uma fundamentação mais ampla da concepção do sonho que apresentei pode recorrer ao meu escrito *A interpretação dos sonhos*, Leipzig e Viena, 1900. Indicarei a seguir por qual direção devem avançar as minhas exposições a respeito do trabalho do sonho.

Ao apresentar a substituição do sonho pelos pensamentos latentes do sonho como a tarefa da interpretação – ou seja, como a dissolução daquilo que foi urdido pelo trabalho do sonho – eu levanto por um lado uma série de novos problemas psicológicos relacionados tanto ao mecanismo do próprio trabalho do sonho como à natureza e às condições daquilo que foi denominado como recalque; e afirmo por outro lado a existência dos pensamentos do sonho, um rico material de formações psíquicas da ordem mais elevada que possui todos os traços da produção normal do nosso intelecto – um material que no entanto escapa à nossa consciência até transmitir-lhe uma mensagem deformada por intermédio do conteúdo do sonho. Sou obrigado a pressupor a existência de tais pensamentos em qualquer pessoa, uma vez que quase todas elas, mesmo aquelas mais normais, possuem a capacidade de sonhar. O inconsciente dos pensamentos do sonho e suas conexões com a consciência e com

* [Nota de Freud:] Além dos escritos antigos a respeito do simbolismo do sonho (Artemidoros de Daldis, Scherner, “A vida do sonho”, 1861), é possível encontrar outras contribuições na “Interpretação dos sonhos” deste autor, nos trabalhos relacionados à mitologia da escola psicanalítica e ainda nos trabalhos de W. Stekel (“A língua do sonho”, 1911).

o recalque vinculam-se a outras questões importantes para a psicologia, cuja resolução merece ser adiada até que a análise tenha elucidado a origem de outras formações psicopatológicas como os sintomas histéricos e as ideias obsessivas.

Notas do tradutor

- 1 FREUD, S. “Über den Traum”. In: *Gesammelte Werke*, vol. II/III. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, p. 643-700.
- 2 ... daß der Traum die eigene psychische Leistung des Träumers ist; ... que os sonhos sejam a produção psíquica do próprio sonhador. O substantivo *Leistung* designa tanto o empenho ou a capacidade necessárias para se realizar uma ação e quanto o resultado final deste empenho. O termo “produção” contempla as duas acepções.
- 3 *Träume sind Schäume; o sonho é uma quimera*. Em uma tradução literal, “sonhos são espumas”, um ditado da língua alemã que assinala a incoerência e a irrelevância atribuídas ao sonho.
- 4 *e que foi acolhido a partir dali por toda uma escola de pesquisadores sob o nome de ‘psicanálise’*: esta oração foi acrescentada à edição de 1911.
- 5 *psychopathische Gebilden; formações psicopatológicas*. Em uma tradução literal, teríamos “formações psicopáticas” como o equivalente dessa expressão. No entanto o uso corrente do termo “psicopatia” descreve atualmente uma perturbação mental grave, caracterizada pela ausência de empatia diante do outro e de arrependimento pelos próprios atos. Ora, estes traços não possuem qualquer relação com as “fobias, ideias obsessivas e ideias delirantes” que Freud menciona na frase anterior. O adjetivo *psychopathisch* designa neste caso toda e qualquer perturbação da atividade mental e corresponde a um emprego da palavra que tornou-se menos frequente com a passagem do tempo.
- 6 Sobre a tradução dos termos *Vorstellung e Idee: Angstvorstellung, ideia angustiante; die betreffende Idee, a ideia em questão; Vorstellungsinhalt, conteúdo de representações; krankhafte Idee, ideia patológica*. Os exemplos que selecionamos neste parágrafo ilustram os impasses enfrentados por tradutores e tradutoras de Freud na busca por equivalentes para a palavra *Vorstellung* e para termos compostos nos quais a palavra está presente. “*Vorstellen*” corresponde etimologicamente a colocar (*stellen*) algo diante (*vor*) de si, formando uma certa relação entre sujeito e objeto. “Colocar diante de si” implica, no entanto, em muitos atos possíveis: ver, imaginar, formar uma imagem, refletir, pensar, compreender, conceber, formar um conceito a respeito de alguma coisa. O uso frequente da palavra na linguagem comum multiplica suas acepções. Por isso a padronização do termo em uma tradução implica necessariamente em alguma perda (ou desvio) de sentido e no eventual risco de tornar incompreensíveis várias passagens dos textos de Freud. Nossa opção preferencial para o substantivo *Vorstellung* foi o termo *ideia*, que remete simultaneamente à imagem e ao pensamento, além de estar mais próxima do contexto clínico no qual acontece o trabalho de interpretação, que depende dos pensamentos, das imagens e das ideias daquelas pessoas que sonham.
- 7 *was ihm zu ihr einfällt, o que lhe ocorre a respeito dela*. O verbo *einfallen* (ocorrer) está diretamente ligado à atividade da livre associação (*freier Einfall*, ao pé da letra uma “ocorrência livre” ou quem sabe uma “ideia livre que ocorre”). Embora *Einfall* também possa ser traduzido pela palavra “associação”, o termo descreve fundamentalmente a ocorrência de um pensamento ou de uma ideia, uma lembrança ou uma descoberta repentina.
- 8 *Table d’hôte; sala de refeições*. Em francês no original. A literatura psicanalítica de vários países, e não somente da França, costuma referir-se a este sonho como “o sonho da table

d'hôte". A expressão "sala de refeições", embora imprecisa, serve ao menos para indicar o espaço em que se passa a cena do sonho – no interior de um hotel, hospedaria ou residência particular. A tradução para o português deixa de indicar a presença da madeira (*table*), um elemento que simboliza o corpo feminino, como Freud irá assinalar na Seção XII deste trabalho.

- 9 *Ihr führt uns ins Leben hinein/ Ihr läßt den Armen schuldig werden; Vocês nos trazem para a vida, / vocês permitem que os pobres façam dívidas.* São versos da "canção do harpista" em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de J. W. Goethe (Capítulo 13, Livro 2). Na tradução brasileira de Nicolino Simone Neto: "Vós nos conduzis em plena vida, / Vós deixais pecar o pobre" (GOETHE, J. W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 142). A versão que oferecemos para a citação de Freud tenta somente acompanhar o entendimento literal das primeiras associações relacionadas ao conteúdo manifesto do sonho, nos quais há referência a dívidas e preocupações financeiras. Quando cita novamente estes versos, logo na página seguinte, Freud explicita a ambivalência e o duplo significado presentes no sonho, pois *Schuld* pode tanto significar dívida quanto culpa, e os pobres (*Armen*) são aqueles que não têm dinheiro e também as crianças, as pobres criaturas que são lançadas no mundo.
- 10 *Trauminhalt; conteúdo do sonho.* Evitamos sempre que possível o adjetivo "onírico" na tradução dos compostos em que aparece a palavra *Traum* ("sonho"). Os conteúdos do sonho são "oníricos" somente na medida em que pertencem ao sonho, sem que possuam por conta disso uma qualidade onírica ou assemelhada ao sonho.
- 11 *Por exemplo, o líder de uma expedição polar...* Frase acrescentada à edição de 1911.
- 12 *Wunschsatz; sentença optativa.* A sentença optativa caracteriza-se no alemão e no português como aquela que exprime uma vontade ou desejo.
- 13 Sobre o termo "Darstellung": ... *das Material der Traumdarstellung, o material da figuração do sonho.* Empregamos na presente tradução os termos *figurar* e *figuração* como equivalentes para *darstellen* e *Darstellung*. A exemplo de *Vorstellung*, o termo *Darstellung* também possui raízes na filosofia alemã e usos muitos variados na linguagem cotidiana. A *figuração* nos parece uma solução satisfatória para a teoria psicanalítica do sonho, uma vez que o trabalho do sonho não produz ou fornece materiais, e sim apenas organiza ou modela um material inconsciente que já existiam como representações ou ideias (*Vorstellungen*), ou seja, define a sua *figura*.
- 14 *der bittere Gedanke, o pensamento amargo,* modificação inserida na edição de 1911. Na edição de 1901 consta *der verbitterte Gedanke, o pensamento amargurado*.
- 15 "... o ciclo 'Melusina' de Schwind": referência a Moritz von Schwind (1804-1871), pintor e ilustrador alemão.
- 16 Francis Galton (1822-1911), cientista, antropólogo, eugenista britânico, era primo de Charles Darwin. Suas fotografias compostas eram preparadas com o objetivo de destacar os traços hereditários constantes que pertenciam a uma linhagem de familiares.
- 17 *ohne "Kosten" zu haben, sem pagar pelos custos; nur ein bißchen kosten, experimentem pelo menos um pouquinho.* O sonho explora a diferença entre os significados do substantivo *Kosten* (o custo – financeiro, por exemplo) e o verbo *kosten* (*experimentar, degustar, saborear*).
- 18 *Die Form eines Zylinderhutes, o formato cilíndrico de uma cartola.* *Zylinderhut* significa simplesmente *cartola*, e no entanto a perífrase era necessária para explicitar a conexão entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho em português.
- 19 Carl Auer, barão de Welsbach (1858-1929), químico austríaco e criador do lampião de gás incandescente.
- 20 *Vertretung im Trauminhalt, representação no conteúdo do sonho.* O substantivo *Vertretung* designa a representação de um elemento por outro (por exemplo, o advogado que

- representa uma das partes em um processo) ou a simples substituição de um objeto por outro.
- 21 *Dramatisierung, dramatização*: trata-se de um termo que não aparece em *A interpretação dos sonhos*. No entanto há diversas passagens do livro que caracterizam a capacidade do sonho para representar uma cena no tempo presente.
 - 22 *Umwertung der psychischen Wertigkeiten, transvaloração dos valores psíquicos*. Essa expressão que remete diretamente ao pensamento de Nietzsche já aparecia em *A interpretação dos sonhos* (Capítulo VI, “O trabalho do sonho”, Seção C: “Os meios de figuração do sonho”).
 - 23 *Rücksicht auf Darstellbarkeit, consideração relacionada à figuração*. A tradução literal dessa expressão – *consideração à figurabilidade* – parece ser menos legível, além de não explicitar o caráter relacional do conceito, pois não se trata aqui propriamente da figuração e sim de um trabalho que se realiza sobre ela.
 - 24 *Das “nicht” scheint für den Traum nicht zu existieren, O 'não' parece inexistir no sonho*. A mesma afirmação é desenvolvida em termos diferentes em *A interpretação dos sonhos* (Capítulo VI, “O trabalho do sonho”, Seção C: “Os meios de figuração do sonho”).
 - 25 *egoistische Regungen, sentimentos egoístas*. Em oposição à tendência dominante na literatura psicanalítica e em alguns projetos internacionais de tradução dos textos de Freud que privilegiam a equivalência exata em prejuízo da fluência e da composição literária, descartamos a tradução de *Regung* por *moção* e optamos simplesmente por *sentimento* nesta passagem, ou por *movimento, impulso e agitação* em outras. Em que pesem as limitações da oposição entre o rigor terminológico e a expressão literária, que já foram bastante debatidas por tradutores brasileiros, caberia ao menos observar que *Regung* é um termo frequente na produção literária de contemporâneos e conhecidos do próprio Freud, como Stefan Zweig e Arthur Schnitzler, que empregam a palavra com o mesmo sentido pouco rigoroso ou indistinto que leitores e tradutores de Freud muitas vezes condenam como um uso impreciso da linguagem.
 - 26 Esta passagem aparentemente faz referência à elaboração secundária, embora o conceito não seja nomeado explicitamente neste trabalho.
 - 27 *Zustand der Verdrängung, estado de recalque*. Traduzimos invariavelmente *Verdrängung* por *recalque* e *Unterdrückung* por *repressão*, sem que houvesse a necessidade de abrir alguma exceção. Apoiada em uma nota de rodapé presente no capítulo final de *A interpretação dos sonhos*, a literatura psicanalítica costuma distinguir a repressão (*Unterdrückung*) que atua entre os sistemas consciente e pré-consciente do aparelho psíquico e uma outra repressão ou recalque (*Verdrängung*) que se situa entre os sistemas pré-consciente e inconsciente. A distinção entre os dois termos não cria problemas para os tradutores, porém o leitor mais atento às elaborações conceituais pode se sentir desorientado pelo fato de que Freud é menos rigoroso no emprego destes termos do que os críticos e comentadores de seus textos. Ao menos neste caso específico, cabe dizer que eventuais incompreensões não podem ser atribuídas ao tradutor. Se tomarmos em consideração o aspecto dinâmico do inconsciente e as oscilações da energia psíquica investida na repressão ou no recalque talvez seja possível explicar essas variações de significado das palavras sob uma perspectiva teórica.
 - 28 Balduin Groller, pseudônimo de Adalbert Goldscheider (1848-1916), jornalista e escritor austríaco.
 - 29 Esta seção foi acrescentada à edição de 1911.
 - 30 *Triebkraft, força motriz*. Se aceitarmos como válida a correspondência entre os termos *Trieb* e *pulsão*, este compósito deveria simplesmente ser traduzido como *força pulsional*. Mas neste caso o compósito antecede o surgimento da psicanálise e pode ser compreendido neste contexto sem qualquer referência à teoria das pulsões. Considere-se ainda que não encontramos nem em *A interpretação dos sonhos* e nem em “Sobre o

sonho" uma teoria sobre as pulsões. (O termo *Trieb* aparece somente uma vez em "Sobre o sonho", justamente neste trecho que foi acrescentado à edição de 1911).

- 31 *Darstellungsmittel, meios de figuração*. O termo pode causar alguma estranheza neste contexto, pois Freud caracteriza aqui o meio de figuração como se este fosse o próprio símbolo. No entanto a tradução é literal.
- 32 *Die Sprache des Traumes, a língua do sonho*. A palavra alemã *Sprache* pode ser traduzida tanto por *linguagem* como por *língua* ou *idioma* para o português. Neste caso específico optamos por *língua*, que parece ser o termo mais apropriado ao debate entre Freud e alguns dos seus primeiros discípulos a respeito do simbolismo no sonho: enquanto o mestre reafirma o valor individual das associações livres e dos mecanismos elementares do trabalho do sonho, os seguidores pretendem explicar o sonho a partir de correspondências fixas entre sistemas de signos.

Referências bibliográficas

a) Edições alemãs e traduções estrangeiras de *Über den Traum* ("Sobre o sonho"):

FREUD, S. "Über den Traum". In: *Gesammelte Werke*, vol. II/III. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, p. 643-700.

FREUD, S. "Über den Traum". In: *Schriften über Träume und Traumdeutungen*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2006, p. 35-85.

FREUD, S. "Über den Traum". In: *Grenzfragen des Nerven- und Seelenlebens*. Ed. L. Löwenfeld & H. Kurella. Wiesbaden: Verlag J. F. Bergmann, 1901, p. 307-344.

FREUD, S. "Über den Traum". In: *Gesammelte Schriften*. Leipzig/Wien/Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1925, p. 189-256.

FREUD, S. *Sur le rêve*. Trad. Fernand Cambon. Paris: Flammarion, 2010.

FREUD, S. "On dreams". Trad. James Strachey. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. V. London: Hogarth Press, 1966, p. 629-686.

FREUD, S. *On dreams*. Trad. M. D. Eder. London: W. Heinemann, 1914.

FREUD, S. "Sobre el sueño". Trad. J. L. Etcheverry. In: *Obras Completas Volumen V*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1978, p. 613-667.

b) Sobre a tradução de Freud:

CAMBON, F. "Notice terminologique du traducteur". In: FREUD, S. *Sur le rêve*. Paris: Flammarion, 2010, p. 169-177.

CARONE, M. "Freud em português: uma tradução selvagem". In: SOUZA, P. C. (Org.). *Sigmund Freud & O Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 160-166.

CARONE, M. "Freud em português: ideologia de uma tradução". In: SOUZA, P. C. (Org.). *Sigmund Freud & O Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 166-176.

- CARONE, M. "Freud em português: tradução e tradição". In: SOUZA, P. C. (Org.). *Sigmund Freud & O Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 176-188.
- CARONE, M. "Introdução". In: FREUD, S. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 36-39.
- CARONE, M. "Um claro enigma de Freud". In: FREUD, S. *A negação*. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 8-13.
- DAYAN, M. "Introduction". In: FREUD, S. *Sur le rêve*. Paris: Flammarion, 2010, p. 7-61.
- HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- IANNINI, G.; TAVARES, P. H. "Posfácio". In: FREUD, S. *Compêndio de Psicanálise*. Tradução e notas de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 221-233.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SOUZA, P. C. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TAVARES, P. H. *Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

c) Outras referências:

- FREUD, S. *Briefe an Wilhelm Fließ*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1985.
- GOETHE, J. W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006.